



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

RODNEI ELOI DA SILVA

**A ALDEIA LAGOINHA E SUAS ATITUDES LINGUÍSTICAS FRENTE AO
BILINGUÍSMO ENTRE AS LÍNGUAS TERENA E PORTUGUESA NUMA
PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Campo Grande/MS
2019

RODNEI ELOI DA SILVA

**A ALDEIA LAGOINHA E SUAS ATITUDES LINGUÍSTICAS FRENTE AO
BILINGUÍSMO ENTRE AS LÍNGUAS TERENA E PORTUGUESA NUMA
PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza

Campo Grande/MS
2019

S583a Silva, Rodnei Eloi

A aldeia Lagoinha e suas atitudes linguísticas frente ao bilinguismo entre as línguas Terena e portuguesa numa perspectiva sociolinguística/ Rodnei Eloi da Silva – Campo Grande, MS: UEMS, 2019.

82p.

Dissertação (mestrado) – Sociolinguística – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza

1. Língua Terena. 2. Atitude Linguística. 3. Bilinguismo.
4. Sociolinguística I. Souza, Antonio Carlos Santana II. Título

CDD 23. ed. -404

RODNEI ELOI DA SILVA

**A ALDEIA LAGOINHA E SUAS ATITUDES LINGUÍSTICAS FRENTE AO
BILINGUÍSMO ENTRE AS LÍNGUAS TERENA E PORTUGUESA NUMA
PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim
PPGL- UNEMAT

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(Suplente Interno)

Profa. Dra. Cristiane Schmidt
PPGL-UNEMAT
(Suplente Externo)

Campo Grande/MS, 28 de março de 2019

Dedico esse trabalho à minha Família e principalmente ao meu povo Terena

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Itukó'oviti (Deus), desde o começo, na graduação, especialização e agora encerrando o curso de Mestrado, e por muitas vezes tive que deslocar da minha aldeia até a Capital, muitas e inúmeras vezes enfrentei tempestades no caminho, mas todas elas serviram como inspiração e motivação para prosseguir a tão sonhada conquista.

E segundo à minha família, esposa Sabrina e a minha filha Maria Júlia (Maju), a minha família é a minha força para continuar e acreditar que tudo é possível.

Também sem deixar de agradecer ao meu querido Orientador prof. Dr. Antonio Carlos por ter acreditado e confiado a minha pessoa, e pela gratidão que eu ofereço a ele, por ter prontificado a trabalhar e fazer pesquisa no meu povo Terena, e sabemos que o povo Terena carece muito de um olhar diferente ou uma visão diferente, igual a do professor.

Agradeço também aos meus pais, e os meus irmãos Rosalino e o Dorvalino Júnior, que desde a primeira vez que saí da aldeia para estudar, sempre me deram apoio a crescer e conquistar.

Mesmo com tanta dificuldade falar em português, mas com o tempo fui aprimorando e aprendendo o português que é a minha segunda língua.

E aos meus amigos e colegas, Alexandre Jorge e sua esposa Rosy; Carmelito e Rosy; e aos meus pastores que me abraçou nos seus ministérios: Marcos Martins e sua Esposa Maria Martins, e ao pr. Emílio Moreira e sua esposa Maria do Carmo Simões e a todos os amigos.

“Eu represento um povo, sou filho daquela nação onde os pais ensinam os filhos a nunca voltarem para trás eu sou filho deles (Autor Eloi)”.

SILVA, RODNEI ELOI DA. *A Aldeia Lagoinha e suas Atitudes Linguísticas frente ao Bilinguismo entre as Línguas Terena e Portuguesa numa Perspectiva Sociolinguística.* 2019. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2019.

RESUMO

O presente trabalho tem como reflexão acerca da Aldeia Lagoinha e suas atitudes linguísticas, frente ao Bilinguismo entre as línguas Terena e Portuguesa, numa perspectiva sociolinguística. O fenômeno causa uma grande preocupação para a nação terena, pois, a língua está em perigo de extinção, ao longo do tempo, passa por um processo de variações linguísticas, geográfica e social. E ao ponto de estar em desuso pelos próprios falantes da língua materna, e cada vez mais vai crescendo a chance de ser esquecida pelas novas gerações. A causa maior disso é a língua terena ser considerada como uma língua minoritária, desprestigiada pelos próprios terena. Assim, os terena e os não terenas consideram as variações linguísticas ou dialetos regionais de menor prestígio como inferiores ou errados. E precisamos nos livrar do mito que diz: que a língua portuguesa é a correta e invariante, e as outras são apenas acidentes. Com este trabalho não se pretende encerrar aqui, mas servir de contribuição para novas pesquisas.

Palavras-chave: Língua terena, bilinguismo e sociolinguística.

SILVA, RODNEI ELOI DA. *Aldeia Lagoinha and his Linguistic Attitudes towards Bilingualism between the Terena and Portuguese Languages in a Sociolinguistic Perspective.* 2019. 82 f. Dissertation (Master in Letters) – State University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2019.

ABSTRACT

The present work has as reflection about Aldeia Lagoinha and its linguistic attitudes towards Bilingualism between the Terena and Portuguese languages from a sociolinguistic perspective. The phenomenon causes a great concern for the Terena nation, because the language is in danger of extinction, over time, goes through a process of linguistic, geographical and social variations. And to the point of being in disuse by the speakers of the mother tongue itself, and increasingly the chance of being forgotten by the new generations is growing. The major cause of this is the Terena language being considered as a minority language, discredited by Terena's own. Thus, the terena and the non-terenas consider the linguistic variations or regional dialects of lesser prestige as inferior or erroneous. And we need to get rid of the myth that says that the Portuguese language is correct and invariant, and the others are just accidents. With this work is not intended to end here, but to serve as a contribution to new research.

Keywords: Terena language, bilingualism and sociolinguistics.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Aldeia Lagoinha.....	39
Fotografia 2 – dia 19 abril dia do Índio, apresentação de dança.....	39
Fotografia 3 – 19 de Abril – Dia do Índio – dança das mulheres.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 POVOS INDÍGENAS DO BRASIL.....	14
1.1 Breve História do Povo Terena.....	16
1.2 Os Aruák.....	17
1.3 Povos Aruák no Brasil.....	20
1.3.1 Linha do Tempo dos Terena.....	23
1.3.2 Momentos da História do povo Terema.....	24
1.3.3 Os Guaná no Êxiva.....	25
1.3.4 Contato entre Guaná e brancos.....	27
1.3.5 A guerra do Paraguai.....	28
1.3.6 Os Terena depois da Guerra do Paraguai.....	30
2 PROCESSO HISTÓRICO DO TERENA EM MATO GROSSO DO SUL.....	32
2.1 Os Terena em Miranda e Aquidauana.....	34
2.2 A Língua Terena (da Família Aruák.....	36
2.3 Os Terena da aldeia Lagoinha (Taunay).....	37
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PESQUISAS SOBRE A ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	41
3.1 Questionário de Habilidades, usos e as Atitudes Linguísticas Aplicado em Lagoinha.....	43
3.1.1 Resultados Obtidos.....	46
3.1.2 Línguas em contato – cenário de bilinguismo no Brasil.....	52
3.1.3 A escrita das línguas indígenas e sua aplicação Escolar	58
3.1.4 Sociolinguística e ensino: contribuição para a formação do professor de língua.....	59
3.1.5 Isolamento e mudança	64
3.1.6 Contextualização	65
3.1.7 A política de língua entre os terena.....	66

3.1.8 A variação e o preconceito linguístico.....	73
3.1.9 A variação do mesmo grupo étnico em locais diferentes.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXOS.....	80

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o povo Terena vem sofrendo pressão da língua dominante e também esta passando por um processo brutal de mudanças; pois, os indígenas entendem que a língua portuguesa é uma língua de prestígio, e o Terena por ser uma língua minoritária está sofrendo mudanças, porque é o próprio das línguas evoluir.

A língua Terena, com o passar do tempo, vem sofrendo essas mudanças; cada vez mais é sufocada pela língua majoritária que é o português, e a tendência disso é a extinção da língua Terena. Este também é caso de muitas outras línguas indígenas no Brasil. Este fato vem ocorrendo desde a colonização do Brasil pelos portugueses. Portanto as nações indígenas foram forçada falar o português, para satisfazer o desejo da conquista pelo europeus aqui chegados. De maneira geral, o europeu desvalorizava a cultura indígena, suas crenças e seus valores e mais que isso, ensinavam os indígenas também a desvalorizar sua cultura, crença e valores e principalmente a língua. Aquelas nações que resistiam eram massacradas e dizimadas e muitos foram forçados a deixarem a sua língua como forma de sobrevivência.

Assim, nas últimas décadas, uma quantidade significativa de línguas está sendo extinta ou estão próximas da extinção. A expectativa para próximos anos, nas previsões dos linguistas, há 90% das aproximadas 6.000 línguas ainda existentes deixarão de existir (GARCIA, 2007). Entre as línguas extintas está o Terena, falado em Mato Grosso do Sul. As mudanças vem gerando o cessar de transmissão e o uso para as futuras gerações, estão sendo muito rápidas e têm levado em curto período de tempo à extinção de um grande número de línguas indígenas. Desse modo, os especialistas têm chamado a atenção para este fenômeno, desde meados da década de 1990 (KRAUSS, 1992; CRISTAL, 2000; NETLE E ROMAINE, 2000), mobilizando a atenção de sociolinguísticas, do mundo inteiro. Um significativo número de pesquisadores tem investigado as causas da rápida extinção de línguas avaliando as possibilidades deste fato, continuidade e (re)vitalização de uma língua com base não mais somente de falantes ou em média da fluência. Como a situação de uma língua não existe desprovida de conteúdo (CRISTAL, 2000), para uma melhor avaliação da situação sociolinguística de uma língua, pesquisadores tem incrementado suas análises com dados sobre o contexto em que vivem as comunidades de fala, e também sobre as atitudes linguísticas.

O presente trabalho tem como objetivo analisar os fatos, relatos e análises que comprovam a perda e a desvalorização da língua Terena em função da língua portuguesa. Assim a tendência maior resultará futuramente ou daqui alguns anos na extinção da língua Terena, seguindo o ritmo atual.

Desde a colonização a extinção das línguas indígenas vem ocorrendo com frequência. A prova disso é o que Rodrigues (2002) trata ao relatar que na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, há mais de quinhentos anos, o número das línguas indígenas era o dobro do que há hoje.

Ainda, segundo Rodrigues (2002), naturalmente, o maior número das línguas indígenas desapareceu nas áreas que foram colonizadas e alguns desses povos perderam suas línguas em função do português ou de outra língua. A estimativa da população indígena hoje é de aproximadamente 160.000 que ainda são falantes das 170 línguas remanescentes. Apesar de a maioria dos brasileiros ter a nítida impressão de viver em um país monolíngue, em que cerca de 200 línguas são aprendidas pelos brasileiros como língua materna, e o português a majoritária falada por 99,5% da população nacional. Os que falam línguas minoritárias totalizam por volta de 750.000 indivíduos. Desses, 300.000 pessoas falam línguas asiáticas, européias e indígenas.

Do ponto de vista genético, as línguas se agrupam em conjunto de famílias linguísticas e são classificadas por sua origem comum. Aqui abordaremos a língua Terena, do subgrupo Guaná, do tronco linguístico Aruák que está situada no Estado de Mato Grosso do Sul.

1 POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

Diversos povos indígenas habitavam o Brasil muito tempo antes da chegada dos portugueses em 1500. Cada povo possuía sua própria cultura, religião e costumes. Viviam basicamente da caça, pesca e agricultura. Tinham um contato total com a natureza, pois dependiam dela para quase tudo: os rios, as árvores, animais, ervas e plantas. Os rios, árvores, animais, ervas e plantas eram de extrema importância para a vida destes índios.

Segundo Ladeira e Bittencout (2000), as populações indígenas do Brasil não são um só povo: são constituídas por muitos grupos, diferentes entre si e do conjunto de populações descendentes dos colonizadores europeus portugueses, dos escravos africanos e

dos imigrantes que aqui chegaram em diferentes épocas, como os italianos, árabes, espanhóis, alemães, japoneses, entre outros. A nação brasileira é, assim, constituída por estes povos e o conjunto de diferentes povos indígenas.

Os povos indígenas foram as primeiras populações que ocuparam o território que foi denominado Brasil pelos portugueses, mas os momentos e a forma dessa ocupação ocorrem de maneiras diferentes. Para ocupar o território foram feitas guerras, realizaram-se acordos com autoridades, alianças entre vários grupos, houve a catequese de missionários, estabelecendo-se contatos diversos, às vezes de forma pacífica e em outras situações de maneira violenta. É importante destacar que esta situação ocorreu no passado, e ainda acontece atualmente.

A história da ocupação do território pelos grupos indígenas, anterior à chegada dos europeus também foi realizada de diferentes formas e momentos. A ocupação do território foi sendo feita lentamente, durante muito tempo, por migração de populações indígenas diferentes que estabeleceram contatos entre si, trocaram experiências, realizando alianças que enriqueceram suas heranças culturais ou, então fizeram guerras para dominar áreas mais férteis ou de fácil comunicação.

Desta forma, a população indígena no Brasil é constituída por diversos povos, diferentes entre si, com usos, costumes e crenças próprias, e que falam línguas diferentes. O direito a esta diferença, mantendo a língua e costume tradicional é atualmente garantido pela Constituição Brasileira de 1988 pelo Artigo 231:

“São conhecidos aos índios sua organização social costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”

Também está garantido por lei constitucional o direito de preservação e estudo das línguas indígenas nas escolas, pelo Artigo 210:

“O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processo próprio de aprendizagem.”

É provável que na época da chegada dos portugueses, há 500 anos, o número das línguas indígenas fosse maior do que é hoje. É também difícil saber o número de habitantes indígenas na época da chegada dos europeus.

O desaparecimento de muitas línguas indígenas foi maior nas regiões colonizadas mais intensamente e há mais tempo pelos portugueses, como a região sudeste, nordeste e sul do Brasil.

As línguas indígenas existentes no Brasil podem ser agrupadas, de um modo geral, em grandes grupos denominados como “famílias linguísticas”, que, em alguns casos, têm falantes também em outros países. Estas “famílias” são *Tupi-Guarani, Karib, Pano, Aruák e Jê*

Existem também, além dessas grandes “famílias”, outras “famílias” menores como *Guaikuru, Tukano, Moku e Yanomami*. E ainda existem as línguas que os estudiosos classificaram como “línguas isoladas”. Por “língua isolada” queremos dizer que os linguístas, que são os estudiosos das línguas, não sabem a que “família” original esta língua pertence.

1.1 Breve História do Povo Terena

A história do povo Terena é longa e está ligada às histórias de vários povos indígenas, dos europeus, dos africanos e seus descendentes (Bittencourt e Ladeira, 200, p.11). O povo Terena, juntamente com os Laiana e os Kinikinau. A história externa de uma língua aborda principalmente questões sociolinguísticas (Faraco, 1998, p. 37), que visa trabalhar em um contexto para recuperar o cotidiano das populações.

Para se conhecer a história dos Terena é preciso recorrer a várias fontes de informação. Podemos conhecer o passado dos Terena pelos produtos da cultura material, como objetos de cerâmica, de tecelagem, instrumentos musicais, que revelam muitos dos hábitos e costumes antigos e que atualmente nem sempre existem mais. Pode-se também recorrer aos textos, desenhos, pinturas, fotografias feitas por brancos que estabeleceram contatos em diversos momentos com os Terena.

E ainda, para sabermos sobre a vida passada dos Terena, é muito importante ouvir os relatos orais dos mais velhos. A tradição oral revela os momentos mais significativos da

história dos povos indígenas. A língua falada pelos Terena é a mais importante fonte que se tem para se conhecer parte da história mais recente e também do passado mais distante.

A língua falada pelos Terena conserva elementos em comum com as línguas usadas pelos Laiana e pelos Kinikinau e que, embora com algumas diferenças, permite reconhecer que ele pertence a uma língua de origem comum denominada Aruak. A identidade dessa língua comum é importante porque, por intermédio dela, podemos saber um pouco sobre a origem dos Terena e localizar o lugar onde vivem e viveram em outros tempos.

Pode-se conhecer o lugar de origem das pessoas porque as línguas têm elementos comuns e pode-se perceber que cada um pode receber várias influências no contato com outras populações. Com a convivência são acrescentadas novas palavras, alterando constantemente a língua original. Quando uma comunidade se separa, a convivência entre as pessoas diminui e, em consequência, aumenta as diferenças na fala dos habitantes desses lugares. Quando esses grupos se mudam para outros lugares distantes, perdem todo o contato entre si e existe a possibilidade de incorporar palavras novas.

Desta forma, apesar da língua Terena ser a mesma, os Terena de Cachoeirinha, por exemplo, falam de modo diferente dos da aldeia Lagoinha, da mesma forma, a língua portuguesa falada pelos gaúchos é diferentes da língua portuguesa falada pelos pernambucanos ou pelos habitantes de Portugal. Podemos saber, então, pela fala, o lugar de origem daquela pessoa. Podemos também identificar se um Terena é de Cachoeirinha, de Ipegue, de Bananal e de outras aldeias.

1.2 Os Aruák

O nome Aruák vem de povos que habitavam principalmente as Guianas, região próxima ao norte do Brasil e algumas ilhas da América Central, na região das Antilhas. Quando os europeus começaram a dominar a região, os Aruák dividiam e disputavam o mesmo espaço com outros povos indígenas, os Karib. E foi com estes dois povos que os europeus tiveram seus primeiros contatos. Tal como aconteceu com o nome Karib, que passou a designar aquela região, o Karib, também o nome Aruák veio a ser usado pelos europeus para identificar um conjunto de línguas encontradas no interior do continente sul-

americano. Podemos observar que se fala o Aruák na região da América do Sul, com povos que habitam a área dos rios Orinoco, Negro e seus afluentes principalmente o rio Içana. E existem povos que habitavam lugares próximos aos rios Japurá e Solimões, Purus e até chegar às nascentes do rio Ucaiáli. Os povos que falam a língua de origem Aruák, não habitam em um único país.

Afirma Ladeira e Bittencourt (2000) que outros grupos que se utilizam de origem Aruák vivem mais ao sul do continente. Existem povos que vivem na região amazônica da Bolívia, no estado de Mato Grosso do Sul e na região do rio Xingu, no Brasil. O povo de língua Aruák que mora mais ao sul americano são os Terena.

I. OS ARUAK NA AMÉRICA



Observe com atenção o mapa para localizar a ampla região onde são faladas as línguas de origem Aruák.

Podemos observar que se fala o Aruák na Região norte da América do Sul, com os povos que habitam a área dos rios Orinoco, Negro e seus afluentes, principalmente o rio Içana. Existem povos que habitam lugares próximos aos rios Japurá e Solimões, Purus e Juruá até chegar às nascentes do rio Acaiáli. Povos que falam a língua de origem Aruák, conforme pode-se verificar pelo mapa, e não habitaram em um único país.

Outros grupos que se utilizam da língua de origem Aruák vivem mais ao sul do continente. Existem povos que vivem na região amazônica da Bolívia, no Estado de Mato Grosso do Sul e nas regiões do rio Xingu, no Brasil. O povo da língua Aruák que mora mais ao sul do que continente americano são os Terena.

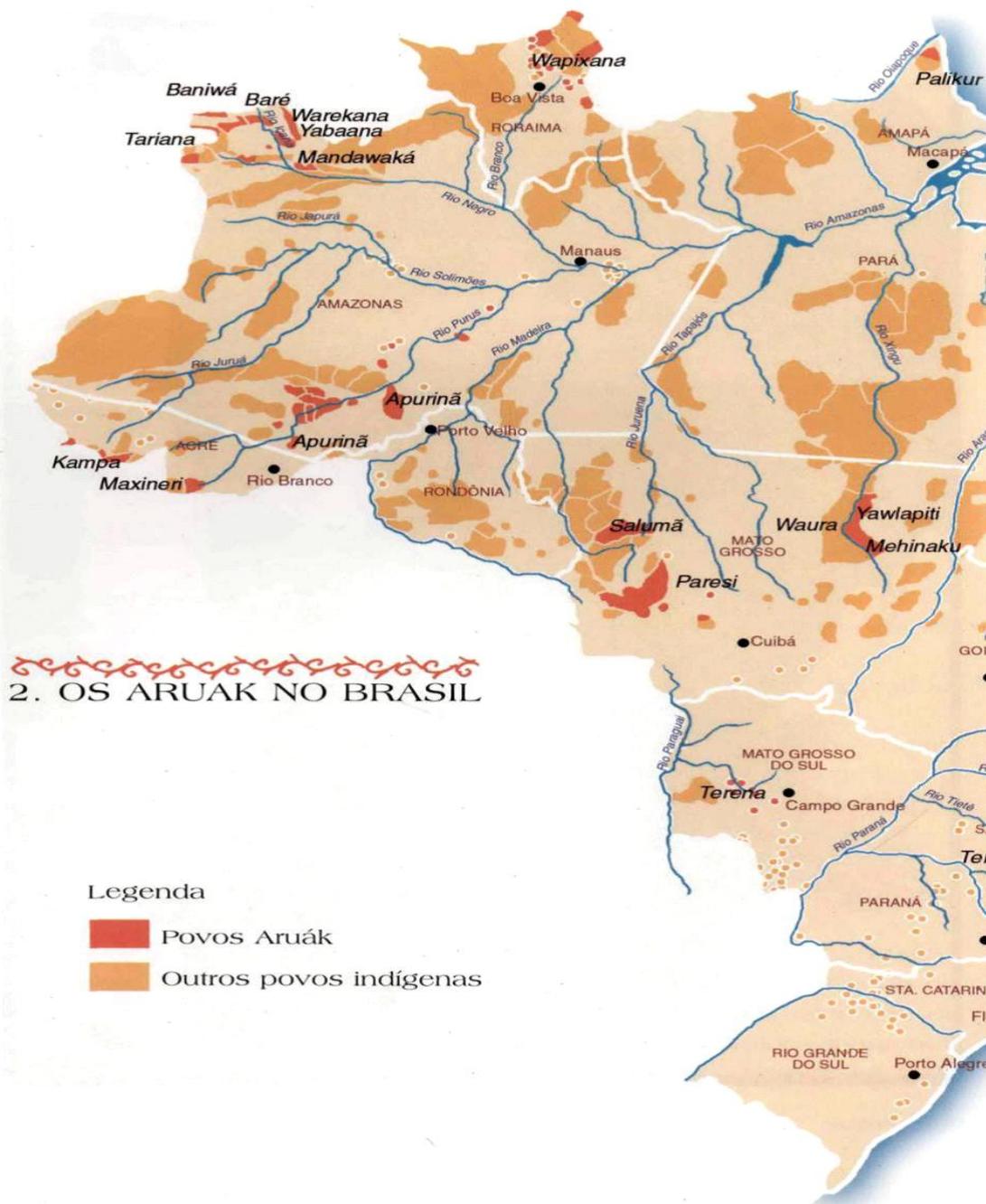
1.3 Povos Aruák no Brasil

Pode-se agrupar os povos indígenas que falam a língua Aruák no Brasil de acordo com a região em que habitam. O rio Amazonas delimita as áreas dessas populações.

Os grupos Aruák situados ao norte do rio Amazonas são vários. Os Baníwa do rio Içana, afluente do rio Negro, compreendem um grande número de pequenos grupos distribuídos ao longo de todo o curso do rio de alguns outros rios próximos. Cada um destes grupos fala dialetos próprios, mas com poucas diferenças entre si.

Não muito distante vivem os **Warekana**. Que compreendem alguns grupos situados em outros afluentes do rio Negro, rio Xié, e cuja língua difere muito pouco de seus vizinhos, os Baníwa.

Tariána é um outro grupo Aruák, mas que hoje pouco fala seu idioma de origem, porque ao se mudarem do rio Içana para a região do rio Uapés, o povo Taiána adotou a língua de seus novos vizinhos, os Tukano. Parece que apenas grupos os chamados íuemi continuam mantendo a língua Taiána, que é também muito próxima da língua dos Baníwa do rio Içana.



Os grupos que vivem próximo ao rio Negro, **Baré**. Mondawáka e Yabaáno não mantêm a língua de origem Aruák, sendo que a maioria deles fala somente o português.

Há também os **Wapixana** que vivem no Estado de Roraima, às margens do rio Branco, e os **Palikur**, situados no Estado do Amapá, na bacia do Oiapoque, que se utilizam

de uma língua falada muito próxima, embora com algumas diferenças, da língua usada pelos povos Baniwa.

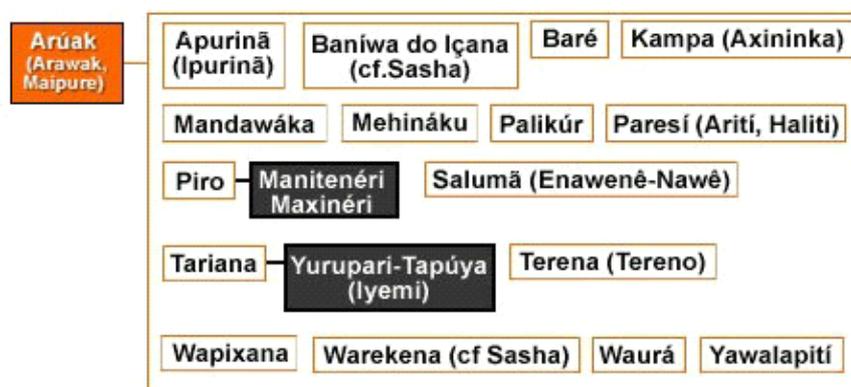
Os grupos Aruák que vivem ao sul do rio Amazonas podem ser agrupados de acordo com as áreas que ocupam. A primeira dessas áreas está situada no sudeste do Acre e nelas vivem os **Apurinã**. Com aldeias ao longo do rio Purus: os Kámpa no alto rio Juruá: os Maxinéri e Manitenéri (a língua Piro), no rio Iaçó, um afluente do rio Juruá. Uma segunda área fica a oeste do Estado de Mato Grosso, na região dos formadores do rio Juruena, que é um afluente do rio Tapajós, onde vivem os Paresi e os Salumã.

Em uma terceira área, no alto do rio Xingu, são faladas línguas da família Aruák, muito semelhantes entre si. Estes grupos denominados como Mehináku. **Waura** e **Yawalapití**.

E a quarta é a última área que corresponde aos grupos que vivem na região mais meridional da família Aruák no Brasil, e o povo **Terena** que habita na região dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do rio Paraguai, no Estado de Mato Grosso do Sul.

Na década de 30 um grupo de Terena foi transferido para o Estado de São Paulo, numa área onde vivem os Kaingang e Nhandeva (Guarani), na região de Bauru. Em consequência desta migração, há meio século que a língua Terena também é falada nesta região.

Existe um grupo na Bolívia, os Moxo. Que ainda mantém a língua de origem Aruák; e outro denominado Chané, mas este povo atualmente só fala espanhol. No Paraguai há também os Guaná, que aparentemente não falam mais a língua.

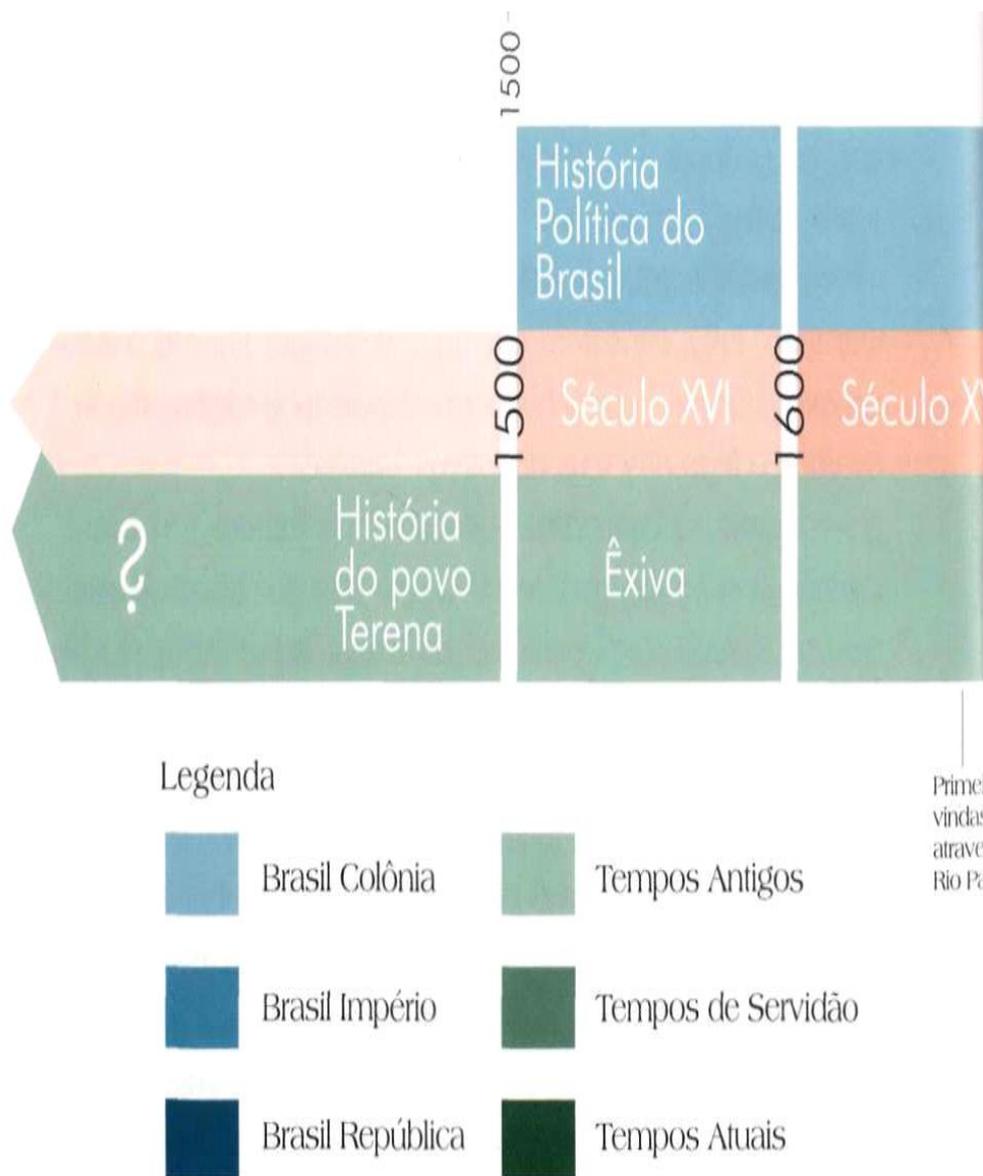


Todos estes grupos indígenas que falam a língua Aruák têm diferenças entre si, mas possuem uma mesma língua de origem Bittencourt e Ladeira (2000). Além desta proximidade que indica uma origem comum; estes grupos têm semelhanças na forma de

sua organização interna, sendo tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmica.

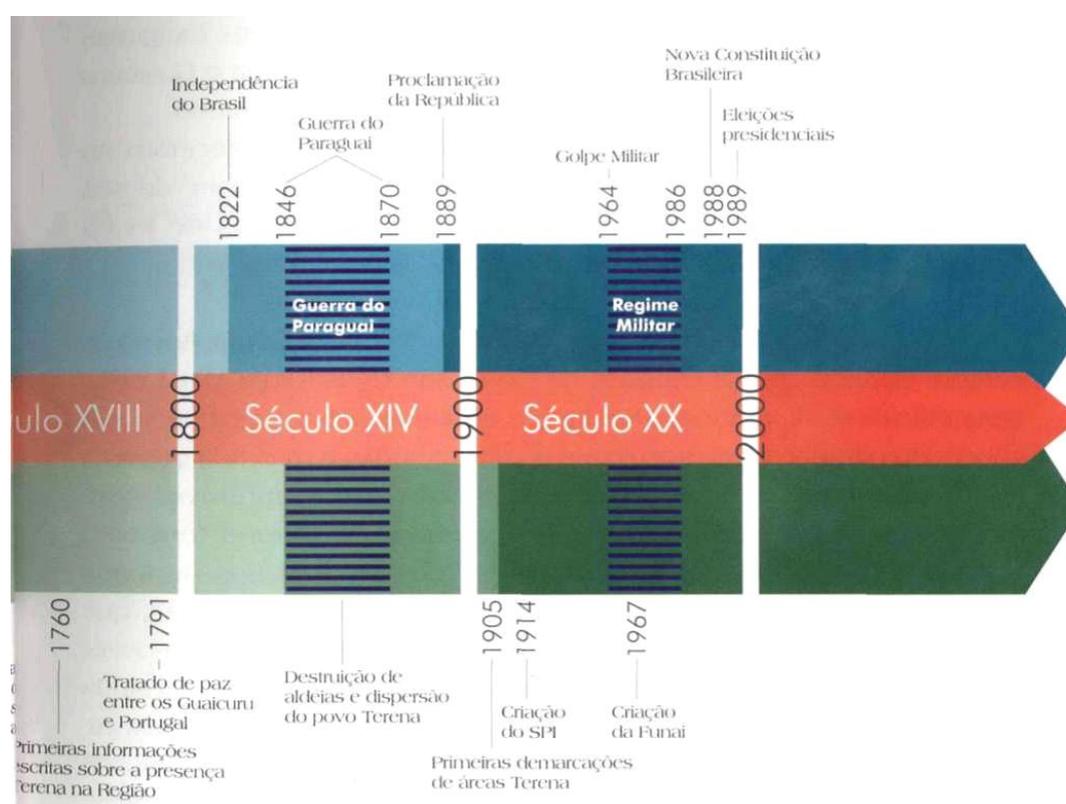
1.3.1 Linha do Tempo dos Terena

Chegada dos Portugueses ao Brasil



1.3.2 Momentos da História do Povo Terena

Cada povo tem momentos importantes marcados por acontecimentos que levam a mudanças na vida de toda a comunidade. Esses momentos surgem entrelaçados a vários acontecimentos e permanecem na memória de todos. Relembrar esses momentos é buscar permanecer na memória de todos. Relembrar esses momentos e buscar entendê-los é importante para que se possa perceber os acontecimentos presentes e como eles estão ligados a esse passado Bittencourt e Ladeira (2000). Para os Terena, tem sido lembrados três grandes momentos em sua história.



Primeiro dele foi a saída do Êxiva, transpondo o rio Paraguai, e a ocupação da região do atual estado de Mato Grosso do Sul. Este período foi longo, durante muitos anos, com migrações que foram feitas em todo o decorrer do século XVIII. Foi um período em que os Terena ocuparam um território vasto, dedicando-se à agricultura e estabeleceram alianças importantes com os Guaicuru e com os portugueses.

Este foi o período dos Tempos Antigos.

Em seguida, um acontecimento importante afetaria, a vida do Terena, a Guerra do Paraguai. O momento mais significativo da vida dos Terena foi Guerra do Paraguai (1864-1870). Esta guerra, na qual participaram muitos países – Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai – envolvendo também os escravos de origem africana e povos indígenas habitantes das regiões próximas ao rio Paraguai. Os Terena e os Guaicuru aliaram-se aos brasileiros e lutaram para preservar seu território.

Após a guerra do Paraguai, muitas mudanças aconteceram na região e, para os Terena, ela significou a perda do seu território, que passou a ser disputado pelos proprietários de terras brancas, que chegavam cada vez mais para plantar e criar gado.

Este foi o período denominado Tempos da Servidão.

E o terceiro momento correspondeu à delimitação das Reservas Terena, iniciando com a chegada da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas chefiadas por Rondon, e continua até o presente. Essa época, do começo deste século até os dias de hoje, é marcada por uma maior proximidade com a população branca “os purutuyés”, com mudanças nos hábitos e costumes Terena. O Terena têm sido obrigado a se submeter a trabalho para os proprietários de terras particulares. Este momento ainda está sendo vivido pelos Terena, que fazendo sua história, buscando maior autonomia enquanto povo, e mais direitos como cidadãos brasileiros. Este período não possui ainda um título. Cada criança ou jovem Terena pode denominá-lo como desejar.

1.3.3 Os Guaná no Êxiva

Os povos contam que os Terena viviam antigamente no Êxiva, lugar conhecido pelo branco ou não-indígena como Chaco.

As tribos que falavam a língua Aruák eram chamadas, na época em que os europeus chegaram ao Êxiva, de Guaná. Há relatos escritos pelos espanhóis descrevendo os Guaná.

Sanches Lacrador escreveu um relato sobre sua viagem pela região do Êxiva, em 1767, e afirmou que:

“Em várias partes do Paraguai católico se tem noticia da nação chamada Guaná. Nome que engloba todos os subgrupos. Estes subgrupos usam nomes para se distinguirem entre si.”

Francisco Aguirre, que percorreu a região em 1793, contou que:

“Os Guaná em seu idioma “Chané”, isto é, “minha gente”, habitam o Chaco paraguaio... das margens do rio Paraguai até os confins do Peru. É a nação mais numerosa... As nações Guaná que se conhecem nesta parte oriental são 5. **Layana, Etelenoe ou Etelena, Equinquinao ou Equiliquinao, Neguecatemi e Hechoaladi**”.

Atualmente todas estas nações que compunham os Guaná estão agrupadas sob a denominação de Terena, apesar de muitos dos velhos saberem se são descendentes dos Layana ou Kinikinawa (Equinquinao).

A história dos Terena no Êxiva ainda é lembrada pelos mais velhos das aldeias:

“Meus sogro, pai de minha mulher... Le contou a história do Êxiva, de onde eles vieram fugindo. Meu sogro também veio de lá. Eles não sabiam falar o português, só falavam Terena e não sabiam ler e nem tão pouco escrever... não sabiam nada, mas sabiam o tempo em que as árvores floresciam todos os anos. No mês de agosto começavam a derrubar o mato para plantar. Plantavam só pedacinho de terra mais dava uma produção grande, com fartura. Não faltava nada para o índio comer. Tinha bastante peixe e caça. E muita mandioca para comer.” (João Martins – ‘Menootó’ – Aldeia Cachoeirinha).

Os Guaná não eram os únicos que habitavam o Chaco. Lá viviam também os Mbaya Guaicuru, com quem os Guaná e os Guarani nunca foram amistosos, havendo muitas histórias de conflitos. A relação entre os Guaná e os Mbaya Guarani foi de aliança. A história das duas nações mostra que as alianças feitas entre eles foram muito importantes nas lutas contra tribos inimigas e contra espanhóis e portugueses.

A aliança entre Guaná e Guaicuru foi possível por serem povos com um modo de vida diferente. Os Guaná eram hábeis agricultores que viviam das roças próximas à aldeias e os Guaicuru, vivendo da roça e da pesca, controlavam vastos territórios. Atualmente o único grupo de origem Mbaya Guaicuru no Brasil é o Kadiwéu, que viveu ao sul do pantanal do Mato Grosso do Sul, na fronteira com o Paraguai. Alguns relatos dos Kadiwéu mostram que essas diferentes maneiras de viver sempre existiram:

“Quando Deus (Aneotedroni) terminou de fazer cada tribo, ensinou o que eles poderiam fazer: deu enxada para os Terena, foice para os brancos e para os Kadiwéu deu a terra, porque para Kadiwéu deu a terra, porque não pode roçar, não sabe roçar”. (Basílio Kadiwéu, 1989)

As diferenças entre os Guaná e os Guaicuru facilitaram as relações de troca. Os Guaicuru aprenderam a utilizar cavalos trazidos da Europa para fazer guerra e protegiam as aldeias aliadas dos ataques dos inimigos Guarani e dos espanhóis. Os Guaicuru forneciam para os Guaná facas e machados que eram utilizados na agricultura. Os Guaná forneciam aos Guaicuru produtos que cultivavam nas roças, roupas de algodão e cobertores. Para consolidar estas alianças, os Guaná e os Guaicuru realizavam casamentos entre si.

Vários relatos escritos dos espanhóis comprovam essas trocas. Eis um desses relatos:

“Os Guaicuru recebiam dos Guaná algum grão para viagem, um bolo de Nibadana com que pintavam de vermelho, e alguma manta de algodão, seja branca ou listrada de várias cores, que com gosto tecem os Guaná.” (Sanchez Labrador, 1767).

1.3.4 Contatos entre Guaná e Brancos

Os brancos chegaram ao Êxiva navegando pelo rio Paraguai, vindos do porto de Buenos Aires. Vieram atraídos pelas lendas sobre a riqueza das minas de ouro e prata na região dos Andes, onde a mais rixadas minas de prata era Potosi, na atual chamada Bolívia. Esse era o caminho mais curto para chegar até a região das minas. Sabendo disso, eles organizaram muitas expedições para lá. Assim, a partir do século XVI, começou a história do contato entre povos indígenas, primeiros habitantes e senhores dessas terras, e os europeus.

Shimdel, um escritor europeu que passou pelo Êxiva naquela época, descreveu a vida dos Guaná.

“Neste caminho achamos roças cultivadas com milho, raízes e outro frutos(...) Quando eles colhem um roçado, outro já está amadurecendo e quando este está maduro,

já se plantou num terceiro, para que em todo se tivesse alimento novo nas roças e nas casas”.

Nem sempre as relações entre os europeus, os Guaná e seus aliados foram de amizade. Houve muitos conflitos, porque os brancos queriam conquistar as terras próximas ao rio Prata, interessados no ouro e prata. Para os europeus, esses metais tornaram-se produtos muito cobiçados, gerou muitas brigas e confrontos. Havia disputas entre os próprios europeus, lutando portugueses contra espanhóis para dominar as regiões com riquezas minerais e havia as guerras contra as populações indígenas que procuravam resistir à conquista de seus territórios. Os espanhóis foram os primeiros a chegar. Logo depois, vieram os portugueses. Construíram vilas para morar. Trouxeram instrumentos de ferro para plantar (machados e facões), alimentos (cana de açúcar, manga e café) e animais diferentes (vaca, carneiros, cabritos, cachorros, galinhas e cavalos). A presença dos brancos provocou muitas mudanças na vida dos índios. Vieram os padres missionários, que criaram aldeias para os índios aprenderem a religião cristã e a língua dos estrangeiros, com intuito de catequizar os indígenas.

1.3.5 A guerra do Paraguai

Na América do Sul, a região dominada pelos portugueses manteve-se unida após a Independência em 1822, formando um só país, o Brasil.

Com as colônias espanholas não aconteceu o mesmo. As regiões dominadas pelos espanhóis, ao se libertarem, formaram vários países independentes. Foi o que ocorreu com o Vice-Reinado do Prata, do qual fazia parte a região do rio Paraguai.

Após a expulsão dos espanhóis, esse Vice-Reinado do Prata deu sua origem a quatro países: Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Depois da independência houve vários conflitos entre os países da região do rio Paraguai e do rio da Prata para delimitar as fronteiras e organizar seus territórios. Havia também discórdia entre eles por causa do direito de navegar no rio Paraguai, no rio Paraná e no rio Prata. A liberdade de navegação era importante para que os países pudessem realizar seu comércio.

O Paraguai era um dos países mais poderosos da região naquela época. Não possuía territórios perto do mar, mas controlava a navegação no rio Paraguai. O desejo dos governantes do Paraguai era obter território junto ao oceano Atlântico para exportar e importar produtos. Os paraguaios começaram a ter vários problemas com os países vizinhos, principalmente o com o Brasil e a Argentina.

Os problemas com o Brasil estavam relacionados ao controle sobre a navegação no rio Paraguai, pois o rio Paraguai era principal caminho que ligava a província de Mato Grosso ao litoral brasileiro.

A guerra começou quando o exército de Solano Lopez, o governante paraguaio, invadiu Mato Grosso em dezembro de 1864. Solano Lopez usou como pretexto a invasão, o fato do governo de D. Pedro II ter ajudado a destruir o presidente do Uruguai que era aliado do Paraguai. Ao mesmo tempo, Solano Lopez tentava conquistar territórios para chegar ao mar.

A invasão do território brasileiro pelo exército paraguaio foi feita por dois grupos de soldados. Um atravessou o rio Paraguai em direção ao forte Coimbra em Corumbá, que foram facilmente ocupados. Outros grupos atravessaram o rio Aparecida em Bela Vista, e avançou em direção da Aquidauana, em Miranda. O exército paraguaio também invadiu o território argentino, na província de Comentes, para alcançar a província brasileira do Rio Grande do Sul.

O Brasil, a Argentina e o Uruguai uniram-se e formaram Tríplice Aliança para combater os paraguaios. A Tríplice recebe armas dos ingleses, que desejavam ter negócios no Paraguai depois que Solano Lopez fosse vencido. Durante a guerra parte das tropas brasileiras era formada por escravos o imperador D. Pedro II havia prometido a liberdade quando a guerra acabasse.

O governo brasileiro também chamou índios para combaterem os paraguaios. Os Guaicuru lutaram ao lado do exército brasileiro, enquanto os Terena, que sempre foram grandes agricultores, além de enfrentar o exército paraguaio, também participaram da guerra fornecendo alimentos para os combatentes.

Os exércitos da Tríplice Aliança entraram em Assunción, a capital do Paraguai, em janeiro de 1869, mas os últimos combatentes paraguaios só foram derrotados em 1870.

Após quase cinco anos de luta, o Paraguai estava totalmente arrasado. A maior parte de sua população paraguaia era de 800.000 pessoas, mas em 1879, quando a guerra terminou, essa população era de apenas 190.000 pessoas.

O Brasil pôde dominar a navegação do rio Paraguai e demarcar suas fronteiras da maneira que achou melhor, tomando partes do território paraguaio. A Inglaterra, por sua vez, também pôde explorar as riquezas do Paraguai.

1.3.6 Os Terena depois da Guerra do Paraguai

A guerra do Paraguai marcou profundamente a história dos Guaná. Como vimos, um dos palcos do conflito foi justamente em território deste povo, que aliado dos brasileiros, sofreram ataques e represálias das tropas paraguaias. É quase certo que todas as aldeias então existentes na região dos rios Miranda e Aquidauana desapareceram, com seus habitantes buscando refúgio nas terras de Maracajú e Bodoquena.

Quando a guerra do Paraguai chegou ao fim, em 1870, os Terena começaram a voltar para suas antigas aldeias, destruídas durante os combates, Bittencourt e Ladeira (2000, p. 76). Muitas aldeias haviam sido completamente aniquiladas e nunca mais foram reconstruídas ou recuperadas. O antigo território das aldeias já era disputado por novos “proprietários”, em geral oficiais desmobilizados do exército brasileiro e comerciantes que lucraram com a guerra e que permaneceriam na região.

Os Terena haviam lutado na Guerra para garantirem os territórios que ocupavam, mas este direito não foi garantido pelo governo brasileiro e a vida do povo Terena seria, a partir daí, bem diferente.

Depois de ganhar a guerra contra os paraguaios, o governo brasileiro começou a incentivar a ida de purutuyés ou não indígena de outras regiões do país para Mato Grosso do Sul. Assim, o governo poderia controlar melhor a região, guardando a fronteira com fazendas de gado e plantações.

As fazendas começaram a se multiplicar. No Mato Grosso do Sul, os Terena viram-se cada mais cercado pelas fazendas de gado.

Os rebanhos das fazendas estavam sempre destruindo as Plantações dos Terena. A vida nas aldeias ficou muito difícil e boa parte dos Terena foi obrigada a se empregar como trabalhadores. É por isso que muitos avós que hoje moram nas aldeias nasceram nas fazendas. Os Terena que não queriam se submeter acabavam por sair da região e se refugiaram em lugares mais distantes. Os fazendeiros conseguiam, então, se apossar de mais terras do povo Terena.

Os conflitos entre os Terena e os fazendeiros eram constantes. Havia muitas explorações dos proprietários brancos sobre o trabalho dos Terena. Um exemplo dos conflitos foi que ocorreu por volta de 1890. Dois fazendeiros brigavam entre si na região Miranda. A fazenda Santana, que era disputada pelos dois fazendeiros foi saqueada por um deles, mas o proprietário resolveu por a culpa nos Terena da região de Cachoeirinha. Por causa dessa acusação, os Terena foram obrigados a trabalhar de graça para o dono da fazenda. O povo de Cachoeirinha se revoltou contra esse fazendeiro e muitas famílias deixaram a aldeia, buscando refúgio em Bananal e na serra do Maracaju.

Este período da história do povo Terena é conhecido como os Tempos da Servidão.

Os tempos da servidão dos Terena ainda é lembrado nos relatos do povo das aldeias:

“Naquela época os Terena se encontravam fora de sua aldeia, trabalhando nas fazendas em condições de quase escravidão. Trabalhavam quase sem remuneração e muitas vezes os fazendeiros simulavam o acerto de contas e diziam, aproveitando-se dos índios: você ainda está devendo, portanto tem que trabalhar mais um ano. E a cada acerto de contas eles repetiam o mesmo.” (Genésio Farias)

“O pessoal daquela época tinha medo porque ainda se lembrava do patrão que chicoteava na fazenda. Quem se atrasava para tomar chá de manhã era surrado... foi o finado meu avô que contou. Como castigo o pessoal tinha que arrancar o mato com as suas próprias mãos. Quando a comida estava pronta, eles mediam toda a sua tarefa. Era quinze braças de tarefa e, mesmo não terminando a tarefa do dia, de manhã era outra tarefa, que acumulava.” (João Menootó’ Martins)

“Meu pai, Belizário Rondon, da aldeia Passarinho, foi cativo da fazenda Sucuri. Para marcar o tempo, era orientado pela lua nova e para acertar a conta com o patrão ele fazia traços na bainha do facão, marcando os dias do mês.” (Honorato Rondon da Aldeia Passarinho)

2 PROCESSO HISTÓRICO DO TERENA EM MATO GROSSO DO SUL

O processo histórico do povo Terena começa a partir do momento que sai do Paraguai, sendo o primeiro grande acontecimento na vida desse povo, assim começando a história no Brasil e desde “Êxiva” sempre manteve contato com a sociedade nacional. Aruák vem dos povo Guiana, por causa da disputa de seus territórios com europeus começaram a ter contato com outros povos, com afirma Bittencourt e Ladeira (2000, p.12).

O Mato Grosso do Sul abriga das maiores populações indígenas do país. Os Terena chegaram em Mato Grosso do Sul, no século XVIII, na região conhecida como Miranda. Eram agricultores e se dedicaram a plantações, como milho, mandioca e outros. Com o passar do tempo e anos tiveram que fazer alianças para manter sua sobrevivência, entrando em contato com outras culturas. Os Terena é um povo aguerrido, valente em meio a muitas lutas e acontecimentos que ocorreram durante os seus percursos históricos como: encontro com outros grupos étnicos e principalmente o contato com os “purutuyé” ou “não-indígena”, que levou a fazer muitas alianças e acordos para que pudesse sobreviver enquanto uma nação.

Alguns acontecimentos na vida do Povo Terena são: contatos com a sociedade ocidental, a guerra do Paraguai, a servidão nas fazendas, a reorganização da comunidade indígena, a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI e Funai) e a educação secular e religiosa. Esses elementos produzem muitos obstáculos, os quais os Terena precisam atravessar, e algumas das consequências estão presentes nos indígenas como desuso da língua Terena. Na dificuldade de usar a língua Terena, algumas comunidades passam a optar pelo uso da língua portuguesa na comunicação diária, ficando assim, a língua materna Terena em segundo plano. Ao chegar ao centro-oeste o povo encontrou terras favoráveis para a sua sobrevivência, os Kinikinau e os Terena foram os primeiros a ocuparem a região de município de Miranda, logo após ocuparam a região do município de Aquidauana, isto aconteceu pelas terras favoráveis à prática da agricultura.

Segundo grande acontecimento na vida dos Terena foi a guerra do Paraguai (1864-1870) os indígenas estiveram presentes para defender a vida de seu povo e seu território. A presença dos indígenas no exército brasileiro foi importante na luta na guerra do Paraguai. Durante a guerra do Paraguai houve morte de índios Terena devido a epidemia de cólera e de confronto com os inimigos. E hoje por contarem com uma população bastante numerosa e manterem um contato intenso com a população regional, são povos indígenas cuja

presença no Estado se revela de forma mais explícita, seja através das mulheres vendedoras nas ruas de Campo Grande ou de trabalhos temporários nas fazendas e usinas de açúcar e álcool.

Essa intensa participação no cotidiano sul-matogrossense favorece a atribuição aos Terena de estereótipos tais como “aculturados” e “índios urbanos”. Tais declarações servem para marcar a resistência de um povo que, através dos séculos, luta para manter viva a sua cultura, sabendo positivar situações adversas ligadas ao antigo contato, além de mudanças bruscas na paisagem, ecológicas e social, que o poder colonial e, em seguida, o Estado brasileiro os reservou. Atualmente, a população indígena da etnia Terena está estimada em aproximadamente segundo Secretário de Saúde Indígena 26.065 (SESAI, 2014) pessoas, distribuídas em dez terras indígenas. Suas aldeias são cercadas por fazendas e espalhadas por sete municípios do Estado de Mato Grosso do Sul, como: Campo Grande, Aquidauana, Miranda, Anastácio, Sidrolândia, Nioqui, Dois Irmãos do Buriti, Dourados e Rochedo. Também há famílias Terena vivendo em Porto Murtinho (na terra indígena Kadiweu) e no Estado de São Paulo (TI Araribá). Segundo Diniz (1976, p. 7), eles foram de Mato Grosso do Sul para região de São Paulo pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), estas duas últimas localidades, famílias Terena foram levadas para servirem de “exemplos” aos índios locais (exemplo de afincos nas práticas agrícolas e também de “obediência” ao sistema de controle imposto pelos funcionários daquele extinto órgão público...

As terras indígenas atuais foram “requeridas” ao Estado do Mato Grosso do Sul pelo SPI nas décadas de 1920 e 1930; duas delas, porém (Cachoeirinha e Taunay/Ipegue) foram “concedidas” pelo governo Estadual no início do século XX.

Do total da população Terena, dado da Funasa de 2001 estimam que 13.629 indivíduos habitam as TIs acima relacionadas, ou cerca de 2.400 famílias.

Também há populações indígenas que vivem em centro urbano, a maioria em Campo Grande capital do Estado: Marçal de Sousa, Água Bonita, Darcy Ribeiro, Tarcila do Amaral, Jardim Anache, Santa Mônica e também no Industrial Indubrasil.

As aldeias Terena, localizadas no Estado de Mato Grosso do Sul, passam por situação bastante preocupante tanto à cultura, terra não demarcada, crenças, costumes e principalmente o desuso da língua. Grande parte da população indígena não mantém o uso da língua tradicional, com o passar do tempo os poucos falantes dessa língua vem sofrendo variação cada vez mais.

2.1 Os Terena em Miranda e Aquidauana

A região do Êxiva ficava próxima das minas de mais preciosos e os colonizadores europeus disputavam esse território. Espanhóis e portugueses faziam guerras para decidir quem ficaria com essas terras. As várias tribos foram envolvidas por essas lutas. Para defender seu povo e suas terras, os Guaná procuravam fazer aliança com os portugueses. Já os Guarani, procuraram unir forças com os espanhóis contra seus antigos inimigos, os Guaicuru.

Durante essas guerras muitas aldeias foram destruídas. Os Guaná, vieram se deslocando acompanhando os seus aliados Mbayá-Guaicuru para o Mato Grosso do Sul, no século XVIII. Os Terena, os Kinikinau, os Laiana reconstruíram suas aldeias perto do forte Coimbra e das vilas das Serras do Albuquerque, entre os rios Paraguai e Miranda. Os Kadiweu e as tribos Guaicuru se estabeleceram nas redondezas da Serra de Maracaju.

Alguns relatos dos mais velhos contam porque os Terena saíram do Êxiva e como eles atravessam o rio Paraguai:

“Meu pai cresceu lá mesmo no Êxiva. Meu pai fugiu de lá porque lá havia os índios bravos (‘kopenoti’) bravos. Eles atravessaram as morrarias atrás de Porto Esperança. Na Água quando nadou, amarrou um carandá seco na cintura como jangada.”(Antônio Muchacho – aldeia Cachoeirinha)

“Minha avó, meu avô do Êxiva. Eles usaram taquara bem grande para atravessar o rio... pelo nome “taquaruçu” ela é conhecida pelos purutuyé. Eles traçaram com cipó (humomó) para fazer uma canoa para atravessar o rio Paraguai (huveonokaxeonó – ‘rio dos paraguaios’), quando vieram para a Cachoeirinha.” (João Martins – ‘Menootó’ – aldeia Cachoeirinha)

O trabalho dos Terena nas plantações foi assim lembrado:

“...Quando a gente fazia roça, não tinha enxada. A enxada não era como a de hoje: era de cerne de Árvore que não dava para quebrar. Plantavam melancia, morango, abóbora, milho, feijão de corda. As árvores eram derrubadas com fogo... não havia

ferramentas de metal para fazer serviços... instrumentos de ferro são coisas recentes...”
(João Martins – ‘Menootó’ – aldeia Cachoeirinha)

Na época em que os Terena deixaram o Êxiva, a região de Miranda era desabitada, eles foram os primeiros a ocupar a área. A ocupação da região pelos portugueses começou depois da descoberta de ouro na região de Cuiabá e em Mato Grosso, no século XVIII várias povoações foram fundadas pelos portugueses nessa época: Cuiabá (1727); Albuquerque e Vila Maria (1778).

Preocupados em defender suas fronteiras dos espanhóis, os portugueses também construíram vários fortes: Forte de Coimbra (1775), Forte Dourado e Presídio de Miranda (1778).

Assim, enquanto os espanhóis queriam instalar fazendas de gado para efetivar a posse na região e expulsar as populações nativas, os portugueses procuraram garantir o domínio da região através da construção de fortes e acordos com os índios. Já nessa época os Guaná vendiam no Forte de Coimbra redes de pano, batata, galinha e porcos e, em troca recebiam objetos de metais e tecidos.

Para dominar a região, os purutuyé precisavam da amizade dos grupos indígenas que aí viviam. Era importante ter gente para garantir a posse das terras e para morar nas novas vilas e cidades. Também precisavam de trabalhadores para as minas e para fazendas que surgiam, onde precisavam cana-de-açúcar e criavam gado. Para região foram enviados soldados para vigiarem as fronteiras.

Os portugueses fizeram uma lei que proibia a escravização dos indígenas, mas eles eram obrigados a morar em aldeias dirigidas por chefes brancos. Aí, os índios deveriam aprender a viver e a trabalhar de acordo com os costumes do homem branco.

Mas os Guaná continuaram levando uma vida independente dos brancos. Graças à aliança com que os Guaicuru, conseguiram manter o domínio da região entre os rios Apa e Miranda.

Os colonizadores brancos tentaram de várias maneiras conquistar a amizade dos índios, especialmente dos Guaicuru, pois queria colonizar a região. Para isso, faziam comércio, distribuíam presentes e davam aos chefes das tribos aliados patentes do exército.

Os “cavaleiros” (como os purutuyé chamavam os Guaicuru) eram temidos tanto pelos portugueses, como pelos espanhóis. Montados em cavalos, utilizavam sua boiada para atacar os inimigos. Destruíam suas povoações, roubavam seus cavalos e seu gado, e arruinavam suas plantações.

Os Guaicuru, depois de muitos confrontos, tiveram interesse em estabelecer um acordo com os portugueses. Daí foi assinado um trato entre eles no Real Presídido de Coimbra, em 1791. Esse tratado, assegurava a proteção da coroa portuguesa e transformava os Mbayá-Guaicuru em súditos da rainha de Portugal. Depois do tratado de 1791, a aliança entre os Guaicuru e os Guaná começou a se enfraquecer. Os Guaná não necessitavam mais d “proteção” dos Guaicuru e ampliaram o contato com os brancos, principalmente depois da independência do Brasil em relação a Portugal (1822).

2.2 Língua Terena (da Família Aruák)

Da família Aruák, a língua Terena é falada pela maioria das pessoas que se reconhecem, hoje como Terena. Mas o seu uso – e frequência – é desigual nas várias aldeias e Terras Indígenas. Por exemplo, em Buriti e Nioaque, são pouquíssimas pessoas que a utilizam. Em, outras, como Cachoeirinha, tem casos de jovens que dominam mal o português. A língua falada pelos Terena conserva elementos em comum com a língua usada pelos Laiana e Kinikinau e que, embora com algumas diferenças, permite que ele pertença a uma língua de origem comum denominada Aruák. A identidade dessa língua comum é importante porque, por intermédio dela, podemos saber um pouco sobre a origem dos Terena e localizar o lugar onde vivem e viveram em outros tempos.

Pode-se conhecer o lugar de origem das pessoas porque as línguas têm elementos comuns e pode-se perceber que cada povo recebe várias influências no contato com outras populações. Com a convivência são acrescentadas novas palavras, alterando constantemente a língua original. Quando uma comunidade se separa, a convivência entre as pessoas diminui e, em consequência, aumentam as diferenças nas falas dos habitantes desses lugares (Bittencourt Ladeira, 2000).

De modo geral, podemos definir os Terena como um povo extremamente bilíngue – entendendo por isso uma realidade social em que a distinção entre uma língua “mãe” (por suposto, indígena) e uma língua de “contato” ou de “adoção” (o português, no caso) não tem sentido sociológico. A língua “materna” para os Terena não tem importância socializadora, no sentido de integrar o indivíduo em um mundo próprio, conceitualmente diferente do mundo dos brancos. Podemos afirmar que seu uso está ligado a uma socialidade apenas efetiva. Em outras palavras, a língua Terena não é usada nestas sociedades enquanto sianl diacrítico para afirmar suas diferenças frente aos brancos. Na

verdade, os Terena tem orgulho de dominarem, inclusive por meio do uso da língua do purutuyé (branca), a situação de contato com a sociedade nacional, e é este domínio que permite continuar enquanto um povo política e administrativamente autônomo. (Ladeira, 2001: 130-2).

2.3 Os Terena da Aldeia Lagoinha (Taunay)

A aldeia Lagoinha (Kali Lâvona) está localizada à 70km do município de Aquidauana e 180km da capital de Campo Grande. A aldeia pertence ao PIN – Taunay (Posto Indígena Taunay). Surgiu em 1956 e 1957 denominou-se assim desde o momento que Sr. Guilherme Moreira (Tîti) e sua esposa dona Margarida (Hin'né) passaram a cultivar as terras com lavouras. Eles procedentes de Aldeia Bananal, todos os dias vinham para cuidar da sua lavoura, como perceberam a distância resolveram construir uma pequena casa, onde pudessem passar o dia e retornar no final de tarde para sua aldeia. E até então veio com a sua mudança e morar de forma definitivamente para roça em 03 de outubro de 1957.

E incrível que pareça já havia uma família (Cecé), já residente naquele lugar, e essas duas famílias são consideradas as pioneiras, e fundadores da aldeia. A origem do nome da aldeia Lagoinha (Kai Lâvona) foi homenagem a uma anciã, que toda vez que passava perto da lagoa, ela sentia admiração e citava sempre o nome em Terena. Atualmente a aldeia conta com aproximadamente 630 moradores, contando em 170 famílias segundo FUNASA (2018). Atualmente a Lagoinha possui duas Escolas Bilíngues: A Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pr. Reginaldo Miguel “Hoyenó’o” e a Escola Municipal Indígena Polo Marcolino “Lili”; e contempla com mais de 05 igrejas Evangélicas.

A aldeia apresenta característica urbanas, as casas de alvenaria, ruas de chão batido, água encanada, energia elétrica, borracharia, um posto de saúde, além disso pequenos comércios, a Aldeia tem como economia a agricultura para a sobrevivência e algumas pessoas saem para vender nas cidades como em Aquidauana e Campo Grande, onde há feira indígena. Alguns moradores são empregados e funcionários da FUNAI, outros trabalham como agentes de saúde, e a maioria dos Anciãos é aposentados, as mulheres sem profissão procuram trabalho como empregada doméstica ou serviços gerais.

O cacique atual é o Sr. Orlando Moreira, junto com o seu vice Galdino Joaquim, tem como Presidente do Conselho Flávio Antonio, e junto com o cacique somam com mais de vinte lideranças, para junto estar auxiliando durante o mandato do cacique. A comunidade da aldeia Lagoinha é composta por pessoas: idosos, jovens, crianças, adolescentes e adultos.

A questão da língua na nossa aldeia, o jovens, adultos e os anciãos ainda valorizam a língua Terena, e a maioria deles falam as duas línguas para se comunicarem, tanto em Terena quanto em português. Em português para se comunicar com os não índios. Diferente das crianças e adolescentes a maioria deles não falam mais a língua Terena entre si e nem com os seus pais, e são pouquíssima crianças e jovens que aprendem com os pais no seu cotidiano, ou através da observação da prática dos pais, e avós. Na dificuldade de pronunciar a língua Terena, as crianças e principalmente os adolescentes passam a optar pelo uso da língua portuguesa na comunicação diária, e ficando assim, a língua Terena em segundo lugar. O povo Terena nunca esteve distante das outras línguas, sempre tiveram relacionamentos com os povos brasileiros e indígenas desde “Êxiva”.

E a preocupação maior, futuramente é a extinção da Língua Terena, e pois corre-se o risco, por isso com os professores e com apoio maior da comunidade é realizar vários projetos de revitalização, procurar reverter esta situação da Língua Terena em Aldeia Lagoinha.

Foto 1 - Atual Aldeia Lagoinha MS



Foto 2 : dia 19 abril dia do Índio, apresentação da dança dos homens – Aldeia Lagoinha-Ms



Foto 3: 19 de Abril – Dia do Índio – dança das mulheres Aldeia Lagoinha

MS

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PESQUISAS SOBRE A ATITUDES LINGUÍSTICAS

Segundo Garcia (2007), com base nos estudo da atitude linguística a Sociolinguística desde a sua inauguração. Labov, em seu trabalho com os falantes da ilha de Martha's Vineyard (EUA), em 1963, indicava o papel da atitude dos falantes ao manterem traços linguísticos peculiares da sua língua como uma forma de manutenção da sua identidade antes a invasão de turistas na ilha e a consequente pressão para mudanças linguísticas (BRAGGIO, 1992). Ao descrever uma variedade da língua inglesa falada por negros adolescentes do Harlem, em Nova Iorque, Labov (1978) identificou as atitudes depreciativas para com uma variante linguística não-padrão, explorando o campo da linguagem e se estendendo campo dos falantes, usuários dessas línguas, numa conclusão a que Fishman (1972, apud BRAGGIO, 1992), Já havia chegado no seu texto.

Antes da inauguração do Sociolinguística, Haugen (1956. Apud GROSJEAN, 1982, P. 118) analisando nas situações de contato, prevalência de certas favoráveis ou desfavoráveis às línguas envolvidas, em razão do julgamento e de estereótipo intergrupos, atribuídos aos falantes e às suas línguas. Posteriormente, Romaine ([1989] 1995, p. 290) considerou-se como mediadoras e determinadas das relações intergrupos. Com base na avaliação da vitalidade de uma língua, em especial das minoritárias, normalmente quanto são consideradas ponto de vista da comunidade de fala minoritária relativos à língua minoritária, são percebidos e sentidos pela comunidade de língua minoritária age em relação á língua da comunidade majoritária; 2) quais são os julgamentos linguísticos externos, expressos na política de línguas da comunidade de língua minoritária; e 3) como a comunidade de língua minoritária age em relação à língua da comunidade majoritária.

Em trabalhos mais recentes, no âmbito das tipologias sociolinguísticas, a atitude é considerada um fator de grande relevância na predição da mudança de uma língua (EDWARDS, 1992; GRENOBLE E WHALEY, 1998, 2006). Documentos importantes, como é caso do Language vitality and endangerment, da UNESCO (2003), apud GRENOBLE E WHALEY, 2006), também evidenciam o papel da atitude linguística, principalmente a da comunidade minoritária para com a sua língua, e a incluem entre os principalmente a da comunidade minoritária para com a sua língua, e a incluem entre os fatores mais críticos na manutenção e/o revitalização de uma língua.

Segundo Romaine (1995), Grosjean (1982), Mithun (1998), Grenoble e Whaley (2006), os que atuam em comunidades onde coexistem diferenças entre línguas e desejam reverter uma situação de mudanças de línguas consideram fundamental o estudo, as ações de revitalização linguística. Convém ressaltar que, por trás de exemplos de revitalização bem-sucedidos, há atitudes positivas e dedicação, pelo menos por parte de uma pequena minoria de falantes (HINTON, 2001, GRAIG, 1992; MITHUN, 1998).

No presente estudo, as atitudes linguísticas são tratadas a partir da proposta de tipologia sociolinguística de Edward (1992) e Grenoble e Whaley (1998). Esses autores trazem, para o cerne de um modelo teórico de estudo e avaliação de línguas minoritárias, a presença das pressões externas (de natureza histórica, econômica, política, entre outras), em constante inter-relacionamento com os fatores internos às comunidades minoritárias, influenciando suas atitudes linguísticas. Nessa perspectiva, as atitudes linguísticas não são entendidas como escolhas verdadeiramente livres, ou com decisões individuais e isoladas dos falantes ou das comunidades; pelo contrário, são motivadas pelas pressões externas, fruto do contato e da interação social dos povos (EDWARDS, 1992; GRENOBLE E WHALEY, 1998).

Os fatores externos e internos atuantes na atitude linguística de uma comunidade de fala são como os dois lados de uma moeda. Não basta conhecer a atuação somente de um deles para prever de uma comunidade de fala. Cada comunidade de fala reage de uma maneira particular (e, às vezes, até em oposição) às pressões externas, mesmo que estas idênticas em várias comunidades de fala de um mesmo contexto ou região. Ademais, em uma mesma comunidade de fala, as atitudes linguísticas não são necessariamente homogêneas nem unânimes, mas muitas vezes heterogêneas e conflituosas (ROMAINE, 1995; CRISTAL, 2000), em função da dinâmica do texto. Como não são estatísticas, podem mudar no decorrer do tempo, mesmo em um mesmo indivíduo (ROMAINE, 1995). Portanto, para se conhecer uma situação de mudança de língua (esteja a língua em qualquer ponto de processo), é fundamental atender-se para as atitudes linguísticas que, se vistas nos dois termos, são favoráveis ou contrárias ao uso, à aquisição e a transmissão de uma ou mais línguas.

3.1 Questionário de Habilidades, usos e as Atitudes Linguísticas foi Aplicado em Lagoinha.

Para mostrar as atitudes linguísticas da comunidade de fala de Lagoinha, realizou-se entrevistas no dia 19 de novembro 2018, e foram escolhidos 30 pessoas da aldeia, desde adolescentes até adultos, para responderem a perguntas sobre a questão da língua e qual é a sua preferência e, através de um questionário previamente formulado. Nesse questionário considera-se que a aquisição, o uso da preferência de língua dos bilíngues são aspectos que dependem de uma atitude linguística favorável à língua (GROSJEAN, 1982). Como questionário de habilidades, usos e atitudes linguísticas (GARCIA, 2007), no questionário foram tratadas especificamente em questão preferência de línguas com uma parte aberta em que o entrevistado justifica a sua escolha. As repostas foram autodeclarações dos falantes.

Segundo Silva (2006, p.29) partindo do pressuposto de que as atitudes exercem influencias sobre o comportamento linguístico, é preciso considerar que as línguas são instrumentos que se usa e se guarda num estojo quando não mais dela precisamos. Sua utilização provoca efeitos preconceituosos, as vezes, em que o conceito de norma produz comportamento variados, como: a) valorização do próprio falar ou adequação ao falar do outro; b) o outro considerado, de acordo com o falar de quem julga. Além disso, nesse processo, muitas vezes um falante não se sente questionado, o que leva a considerar sua norma, ou contrário, desvaloriza seu modo de falar por acreditar na existência de uma forma prestigiosa de falar, embora não a pratique. Também pode produzir atitudes positivas que recaem sobre a ideia de forma legítima da língua, postura relacionada à ordem linguística, as também sociais. Outro fator relacionado às atitudes é o fenômeno da hipercorreção. De cunho social, leva muito falante buscar a “forma” considerada de prestígio, o que, em muitos casos, significa ascensão e o apagamento da origem do falante, ou crença de que se denomina a “língua legítima”. A hipercorreção é uma demonstração de insegurança linguística, além de poder levar a uma situação de constrangimento, quando julgado por aquele que domina a “forma prestigiada”.

De acordo com Labov (2008), a mudança linguística deve ser compreendida na vida social da comunidade em que ela se produz, visto que sobre a língua incidem pressões sociais, ou seja a mudança linguística “ [...] parece envolver três problemas distintos: a

origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística” (LABOV, 2008, p.19).

Nos estudos de Weinreich, Labov e Horzog (2006, p. 13), a seguinte questão é pontuar: a mudança estrutural não afeta a estruturalidade da língua, isto é, a língua continua estruturada enquanto vão ocorrendo as mudanças, ou seja, se uma língua tem de ser estruturada para funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto estrutura muda?”. Segundo os pesquisadores, a mudança é uma consequência inerente à língua e ocorre no seguinte contexto: ‘(1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem com contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta.’ (WEINRECH, LABOV E HERZOG, 2006, p.122). As atitudes linguísticas possuem, na verdade, maior abordagem em outras áreas do conhecimento, como da Psicologia social de onde se origina tal conceito, ou mesmo na Etnografia cujo interesse no assunto repousa na relação entre as atitudes linguísticas e os fatores etnográficos, a exemplo do estudo de Saville – Troike (1982), a qual observa as atitudes linguísticas, segundo as especificidades culturais de cada comunidade.

Entre as perguntas sobre atitudes linguísticas, propõe a analisar as seguintes:

Nome: _____

Idade: _____

Etnia: _____

Sexo: M() F ()

1 – Aplicação do questionário de atitudes linguísticas na aldeia Lagoinha.

Qual língua você fala no dia a dia?

() Terena. () Português. Por quê? _____

Qual língua você acha que é mais fácil para uma pessoa aprender e falar?

() Terena () Português. Por quê? _____

Qual língua que você mais gosta de falar?

() Terena () Português. Por quê? _____

Entre a análise parcial de algumas atitudes linguísticas da comunidade em Lagoinha se resume na tabela 1 abaixo. A opção “ambas as línguas” não foi priorizada para entrevistados; entretanto essa escolha foi respeitada e registrada.

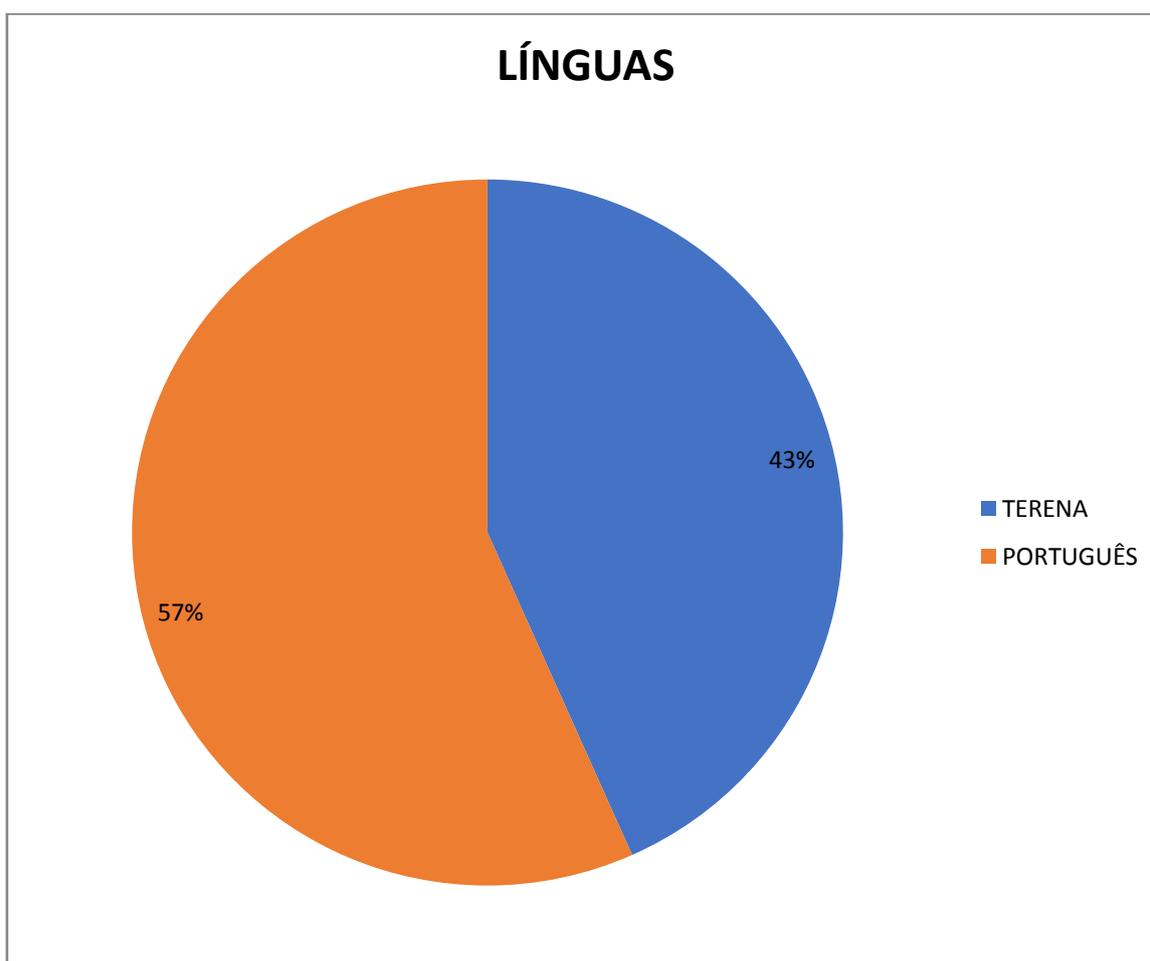
3.1.1 Resultados Obtidos

1 – Aplicação do questionário de Atitudes Linguísticas na Aldeia Lagoinha

a) Qual língua você fala no dia a dia?

Terena 13 = Total pessoas

Português 17 = Total pessoas



Cada informante justifica sobre tal resposta sobre a sua preferência entre a língua Terena e a Portuguesa. São perguntas simples que trazem dados muito importante com valores dentro da comunidade, principalmente em manter a cultura e a língua materna.

a) Qual língua você fala no dia a dia?

Terena. Porquê?

Um das respostas que ouvimos deles é:

“Porque eu gosto de falar a minha língua.”

“Tenho orgulho de ser falante da minha língua.”

“É a minha língua materna.”

“Porque eu fui ensinado desde criança.”

“Eu falo porque toda a minha família fala.”

“É valor da minha cultura.”

“Pois que desde criança os meus pais me ensinaram a falar o terena.”

Português. Porquê?

“Porque não sei falar muito a língua Terena (materna).”

“Porque compreendo melhor as coisas de lá de fora.”

“Porque fui ensinado assim, falando o português.”

“Porque é difícil falar o Terena, a maioria das pessoas que eu converso falam somente o português.”

“Aprendi falar primeiro o português.”

“É mais fácil para se comunicar.”

“É a língua que os meus pais falam desde criança.”

“Meus pais não me ensinaram a falar.”

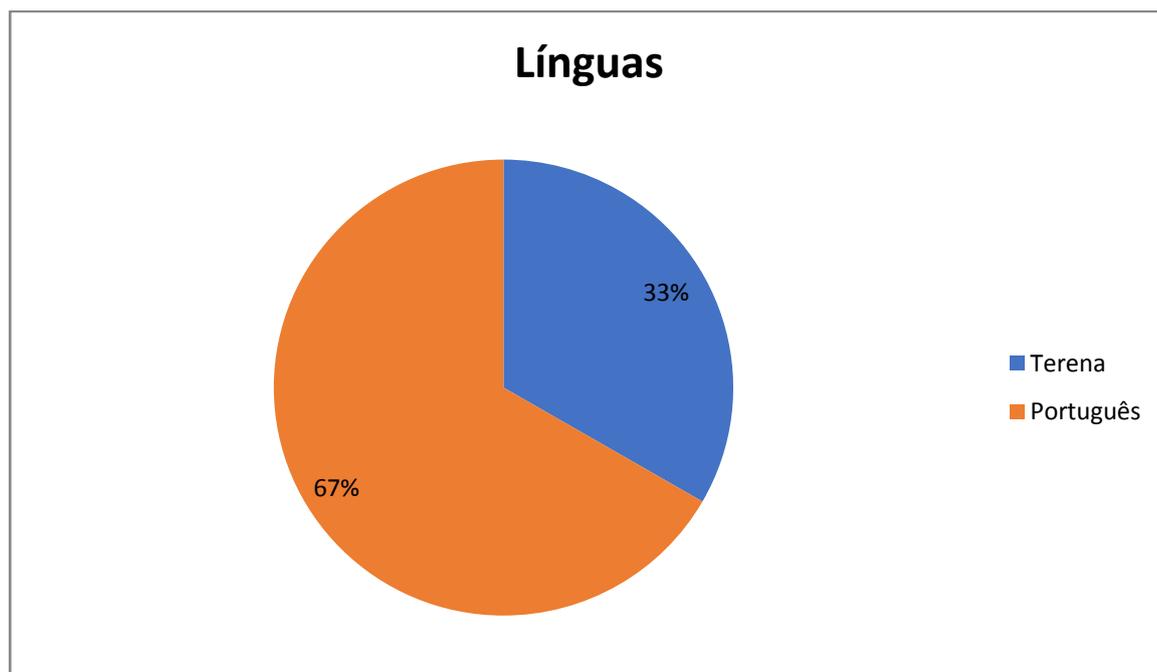
“Eu não sei falar em Terena.”

“Porque eu não sei falar em Terena.”

b) Qual língua você acha que é mais fácil para uma pessoa aprender e falar?

Terena 10 = Total pessoas

Português 20 = Total pessoas



b) Qual língua você acha mais fácil para uma pessoa aprender e falar?

Terena. Porquê?

“Para compreender ou interpretar principalmente em português.”

“Terena é mais fácil de aprender.”

“É a língua que os nossos antepassados falavam.”

“Tenho domínio sobre as duas línguas.”

“Porque as palavras da língua terena não têm vários significados como a do português.”

Para que os nossos filhos cresçam e que deem o valor ao que temos, principalmente a língua rica que temos.

Português. Porquê?

“Português, é mais fácil porque não é nossa língua.”

“A língua portuguesa está presente no dia a dia.”

“Por causa da escola.”

“Pois é a língua ensinada em nossas escola há décadas, ficando mais fácil sua assimilação.”

“Porque as pessoas que falam Terena, hoje em dia não gosta ensinar ou repassar.”

“O Terena é difícil, e o português é mais fácil.”

“Porque nem todos aqui da aldeia não querem mais aprender a falar o Terena.”

“Escolho o português, porque é um pouco difícil falar em Terena.”

“Porque as pessoas têm facilidade aprender.”

“Porque é mais fácil de aprender.”

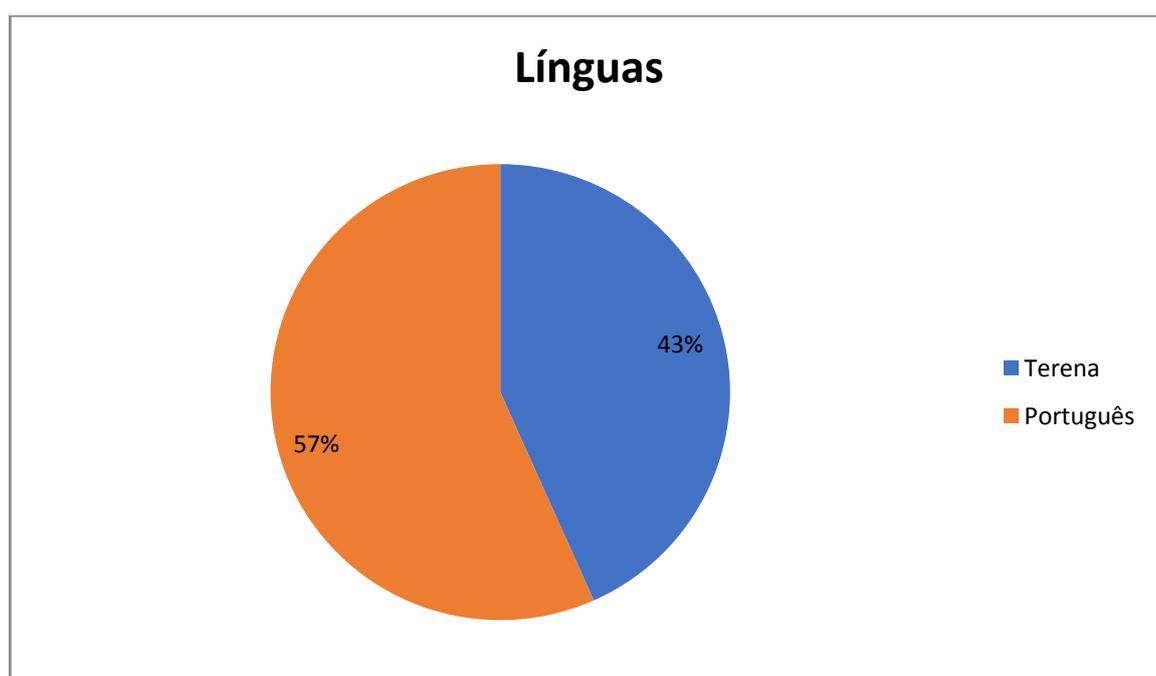
“Facilita mais futuramente.”

“As pessoas aprendem mais rápido.”

c) Qual língua que você mais gosta de falar?

Terena 13 = Total pessoas

Português 17 = Total pessoas



c) Qual língua que você mais gosta de falar?

Terena. Porquê?

“Minha identidade.”

“Somos falantes.”

“Pois é a minha língua materna.”

“Cresci falando.”

“É a língua que domino.”

“Desde criança meus pais, avós ensinaram a não perder e não deixar de falar a nossa língua.”

Português. Porquê?

“Fui ensinado a falar o português desde crianças.”

“Porque desde criança não tive ensinamento na língua Terena, nem por isso deixo de “gostar dela”. Português “é a língua que eu mais falo.”

“Para ensinar as crianças.”

“Particularmente, apesar de não falar fielmente a língua Terena, tenho conhecimento “ de seus significados, principalmente por ser o registro do nosso povo.”

“Porque não sei falar o terena.”

“Porque eu acho mais fácil.”

“Porque é legal.”

“Não sei falar direito a minha língua.”

“Porque é a única que sei falar, mas procuro aprender mais a língua Terena.”

“Porque se eu soubesse falar em terena, eu falaria muito.”

Objetivo dessa pergunta é de verificar existência de consensos e/ou conflitos em torno dos temas sociolinguísticos abordados. À primeira vista, nota-se a não homogeneidade das atitudes linguísticas nos resultados, e também um conflito entre as atitudes linguísticas, expresso na comparação do índice A com o índice B e C. As justificativas indicam um maior uso da língua Portuguesa, o que se notou na pesquisa ao se analisarem os dados referentes ao uso de línguas na comunidade de Lagoinha. Observa-se ainda, que esta maioria de entrevistados está sendo levada a compartilhar das atitudes negativas introduzidas pelas sociedades dominantes para o bilinguismo.

Entre as justificativas, além da “menor complexidade” das línguas minoritárias vinculadas pela ideologia de desdém, ficam implícito na análise dos entrevistados a

ausência de uma motivação suficientemente forte que faça com que adquiram e usem a língua Terena. Nas entrevistas com a geração adulta, há relatos de algumas pessoas que justificam atitude de seus ascendentes em não usarem a língua Terena com os filhos “para não prejudicá-los” ou “ausência de oportunidade futura dos filhos dentro da sociedade. A decisão de transmitir a língua étnica aos descendentes ocorre a partir de atitudes negativas para com essa língua (GROSJEAN, 1982). Entre as causas, Fishman (2000) destaca a associação da língua minoritária com o anti-moderno, provinciano, o que se torna empecilho para a almejada mobilidade social. O fenômeno de pais ajudando o monolinguismo deles, é amplo, e segundo Grosjean (1982) é visto como uma vantagem social, a fim de livrá-lo do estigma social vivido pelos pais. Em todas essas explicações elencadas, constata-se o alto prestígio da língua portuguesa na comunidade. É possível também uma percepção das variantes linguísticas da língua portuguesa e o status decorrente de falá-las. A habilidade de falar a língua da sociedade majoritária é associada a um maior status socioeconômico.

Segundo Garcia, a partir da análise das atitudes linguísticas da comunidade Terena de Lagoinha para com a sua língua emergem algumas conclusões. Fica claro que alguns itens desfavorecem continuidade da língua Terena, tais como: 1) a existência de um processo avançado de deslocamento da língua pela língua portuguesa em Lagoinha; 2) a mudança de política linguística favorável à língua portuguesa, que começa a atingir mais eficientemente a geração hoje adulta; 3) o crescente deslocamento da língua Terena, que atinge maciçamente as gerações de jovens, dos adolescentes e das crianças; 4) a existência de uma atitude linguística de conflitos, em relação à língua Terena e ao português, por parte da maioria da população.

Entretanto, eles por si sós, não garantem a continuidade da língua, devido as mudanças de preferências das crianças que até a fase da adolescência estão escolhendo a língua portuguesa e a Língua Terena fica em segundo plano. Uma mudança política favorável à língua Terena depende não só da própria comunidade (fatores internos), mas também das mudanças dos fatores externos que atuam sobre ela, como os de ordem econômica e política.

Para a sobrevivência das línguas minoritárias, é fundamental uma atenção também na perspectiva ecológica, englobando o relacionamento entre povos, seu ambiente na perspectiva ecológica, englobando o relacionamento entre povos, seu ambiente, seu

pensamentos e sentimentos (CRYSTAL, 2000; NETLE E ROMAINE, 2000), uma vez que o bem-estar físico de uma comunidade é sua principal prioridade.

Quanto ao problema como o deslocamento da língua, concorda-se com Oliveira (2004), que não acredita em solução de cima para baixo e nem em soluções únicas.

Segundo o autor, o primeiro passo para solucionar problemas é enxergá-los localmente, a partir de níveis concretos de intervenção. O deslocamento da língua Terena pela portuguesa está em curso acelerado; mas há possibilidade de mudança, desde que a maioria, armada de atitudes positivas, se torne consciente da importância da atuação e decidir, como nos casos relatados por Hinton (2001), Craig (1992), Mithun (1998). Entretanto uma língua não reste somente com a força de fatores internos à comunidade. Na luta pela mudança nos fatores externos, que é bem maior, são muitos os interesses que atuam de forma oculta e sutil, e explicá-los, tornando-os conhecidos, talvez seja uma primeira forma de resistência.

3.1.2 Línguas em Contatos – Cenário de Bilinguismo no Brasil

Segundo Silva (2011), dispõe que o aspecto do bilinguismo e as atitudes linguísticas merecem atenção especial, porque abrangem muito caso e é responsável pelo surgimento de tensões estereótipos em relação às pessoas e às línguas que falam. Cita também que a sociedade minorias linguísticas, tanto as de imigrantes e de indígenas, são estigmatizadas porque falam uma língua minorizada ou representam uma cultura diversa daquela da maioria das pessoas que vivem em uma dada comunidade. Grupos em uma situação de desvantagem socioeconômica, falta de oportunidade de trabalho, escola, saúde, moradia e cidadania o que os torna importantes face ao domínio daqueles que ao domínio daqueles que tem poder para estabelecer as normas linguísticas e de convívio social. Confronto entre prestígio e que não tem causa tensões e conflitos ou comportamento. Por outro lado, quando a assimetria entre os grupos é menos marcada, os conflitos são geralmente minimizados assim com as atitudes e sentimentos em relação às pessoas e às respectivas línguas-culturas são mais positivas. Exemplo do inglês, língua de prestígio internacional que apesar de numericamente minoritária em certos contextos nem sempre se encontra minorizada, no Brasil saber falar inglês é um bem cultural. Poderemos ter visão como indígena, valorizar a nossa língua, mesmo que seja uma língua minoritária devemos

ter esta visão de valorização em questão da língua Terena, e não ter essa negação de identidade, e a metade dos Terena carregam isso hoje, e esta semente carregam isso hoje, é o resultado que foi plantada desde a colonização do Brasil, pelos colonizadores.

Sobre essas questões, Haugen (1956, p.118) pondera: “sempre que duas línguas estão em contato, encontraremos atitudes predominantes favoráveis e desfavoráveis em relação às línguas envolvidas”. Nesse sentido, as atitudes das pessoas ou da comunidade têm um efeito enorme nos indivíduos bilíngues em especial, quanto aos usos das línguas que falam ou poderiam falar, pois são nos embates sociais que as escolhas linguísticas se materializam e fazem surgir atitudes positivas ou negativas.

Neste estudo volta-se o olhar sobre o bilinguismo, que diz respeito ao indivíduo quanto a sociedade, focalizando as atitudes e os sentimentos que um grupo de adolescentes bilíngues desenvolve em relação às línguas que fala em uma comunidade rural bilíngue de origem norte americana situada na região sudoeste do Estado de Goiás. As perguntas de pesquisa que orientam este estudo são: (a) que relação de usos se estabelecem entre o inglês e o português nessa comunidade? (b) quais são as atitudes desses adolescentes em relação às línguas que eles falam e ao bilinguismo na comunidade? (c) o que essas atitudes revelam sobre a manutenção ou deslocamento dessas línguas na comunidade em que vivem?

Encontra-se duas partes. Primeira apresenta uma breve discussão aspectos do bilinguismo social na sua interface com individual. Ma nível social, enfatizar o conceito de diglossia (FERGUNSON, 1964; FISHMAN, 1968; HAMEL, 1988) e de domínio linguísticos (FISHMAN, 1968) para mostrar como as línguas se atribuem na comunidade e quais as implicações dessa atribuição; no nível individual, trato de dois fatores relevantes para a manutenção de uma língua em uso em uma comunidade; as atitudes das pessoas em relação ao uso das língua e aos seus falantes e a motivação do indivíduo para a aquisição/uso da(s) língua(s). Segunda parte, o texto e os resultados da pesquisa com a base da análise dos questionários, entrevistas e notas de campo.

Na primeira seção, segundo Silva (2011) discorre sobre o bilinguismo social, a diglossia e domínio linguísticos. Para ele, costuma-se dizer que bilinguismo está a um passo da extinção linguística (ROMAINE, 1995, P. 5). Em muitos casos, essa afirmação é bastante pertinente, pois, via de regras, as situações de bilinguismo social são marcadas por relações assimétricas de poder entre os grupos sociais que, por razões socioeconômico, étnica e socioculturais, acabam atribuindo mais prestígio e passa a assumir as funções mais

importantes na comunidade – é língua oficial, a do poder público, da escola, a dos meios de comunicação formais – enquanto a língua de menor prestígio assume papéis considerados secundários e de menor importância política e social – é a língua da intimidade, a da casa, a da interação com os amigos, a das situações informais.

Historicamente, a mudança ou deslocamento de uma língua em uma comunidade de fala bi(multi)língue tem sido caracterizada pela sequência temporal monolíngüismo/bilingüismo/monolíngüismo: a comunidade que um dia foi monolíngue na língua A, torna-se temporariamente bilíngue por meio de contato com a língua B, dominante, e caminha para a extinção da língua. Esse processo de deslocamento não depende de fatores linguísticos propriamente ditos, mas extralinguísticos, com a concentração demográfica do grupo, as práticas sociais, a religião, os sentimentos de nacionalismo, a pressão do grupo majoritário, os sentimentos de nacionalismo, e etc.

Essas relações entre uma língua dominante e outra dominada tem sido entendida pela sociolinguística como uma situação de diglossia. O conceito de diglossia foi inicialmente empregado por Ferguson (1964) para refletir a diferenciação funcional de duas variedades de uma mesma língua numa comunidade, o exemplo do que ele observou em relação às variedades alta e baixa do Árabe clássico nos países Árabe do Alemão Suíça e suas respectivas variedades ou dialetos.

Um domínio linguístico é uma situação particular na qual ocorre uma determinada interação social (FISHMAN, 1968). Por exemplo, uma interação entre pessoas de uma mesma família pertence ao domínio família, enquanto uma interação entre professores e alunos pertence ao domínio linguísticos a família, a escola, a igreja, o trabalho e a rua ou vizinhança. Cada desses domínios pode exigir uma única língua ou mais, dependendo do local onde ocorre a interação, dos participantes da interação afetiva entre eles, dos tópicos a serem discutidos, do grau de formalidade ou informalidade da situação, do grau da interação.

A relação de diglossia passa, então, a ser tratada como uma relação de conflito não estável entre uma língua dominante e outra dominada, pois ao contato de línguas subjazem relações sociais, políticas e culturais assimétricas que são decorrentes do contato entre os falantes de diferentes grupos sociais. O contato das línguas indígenas com português é um exemplo de conflito diglótico em nosso contexto. O português, porque tem mais poder, sobrepõe-se à língua indígena e geralmente, deixa de ser usada.

Assim, tomada na perspectiva sócio-histórica, a relação diglósica é entendida como uma relação de dependência – dominante/dominado, superior/inferior – que é estabelecida sócio-histórico e é dessa dependência que emergem as situações sociolinguísticas que levam ao deslocamento e/ou morte de uma língua.

Na seção seguinte, versa sobre o bilinguismo individual, a atitude linguística e a motivação. Quando se localiza o bilinguismo individual para a aprendizagem/uso da(s) língua(s). As atitudes dizem respeito ao modo como o falante se julga pelos seus pares com referências ao seu comportamento linguístico enquanto a motivação está relacionada ao desejo ou impulso que move a ação do indivíduo/aprendiz para atingir um objetivo específico. Os estudos sobre motivação e atitudes linguísticas destacam-se a partir dos trabalhos de Gardner & Lambert (1972), estudiosos interessados na relação língua-atitude-motivação. Para esses comportamentos linguísticos do indivíduo bilíngue (ou em processo de se tornar bilíngue) é afetado não somente pelas suas reações individuais, mas também pelas influências sociais e pela repercussão que seu comportamento tem no meio social.

Dessa forma, Gardner Lambert (1972) identificaram quatro tipos de motivação. primeiramente, fizeram distinção entre motivação intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca diz respeito aos falantes internos ou aos aspectos da personalidade do indivíduo ao passo que extrínseca está associada aos fatores ou variáveis sociais e culturais. E o autor destaca motivações e instrumental.

A motivação integral está relacionada ao desejo do indivíduo de aprender uma língua para se tornar um potencial membro do outro grupo. Exemplo o desejo de ser aceito na cultura do outro é, muitas vezes, movido pelas experiências negativas que o indivíduo vivencia em relação à sua própria cultura no seu meio social. A motivação instrumental, por sua vez, reflete uma orientação utilitarista, por parte do aprendiz, em relação ao que é movido pelo desejo ou pela necessidade de aprender/usar uma segunda língua para fins específicos.

Quanto ao contexto da pesquisas, segundo Silva (2011), destaca que este estudo tem como cenário a comunidade religiosa originária dos Estados Unidos e do Canadá localizada na zona rural do sudoeste goiano. Fundada há mais de 50 anos, a comunidade conta com aproximadamente 77 famílias. As razões que trouxeram essas famílias para o interior de Goiás são de ordem econômica – terras férteis para a agricultura e de baixo custo da época – ideologia – proporcionar educação escolar para seus filhos segundo seus princípios religiosos e morais. As salas de aulas são bisseriadas, devido ao pequeno

número de alunos matriculados por série. O meio de instrução é inglês e o português são primeiramente alfabetizado em português e só a partir da segunda série passam a receber instrução e inglês juntamente com as demais crianças. A partir daí o português continua apenas como umas disciplinas que são ministradas em inglês. A leitura é muito valorizada na escola e é incentivada nas duas línguas, até como forma de auxiliar no desenvolvimento dos conteúdos das diversas disciplinas. As disciplinas que integram os currículos são duas línguas, matemática, ciências, história e geografia do Brasil, dos Estados Unidos e Canadá, além de artes e músicas ou canto. Os cânticos, em geral bíblico, estão presentes nas atividades de todas as séries, tanto em inglês quanto em português. Apresentações artístico-religiosas são incentivadas nas duas línguas.

Na seção da metodologia, foi feita avaliação nas atitudes linguísticas dos adolescentes investigados e definir padrões de uso do inglês e do português e o uso de questionários semiestruturados e foram feitas entrevistas informais especialmente para os professores e alunos de uma classe biseriada (7^o e 8^o séries). Foram aplicados questionários para um total de 12 adolescentes com idades que variam entre 13 e 19 anos, incluindo uma professora (19 anos).

Questionário n^o 1 (adaptado de CAHMANN, 1999) inclui questões fechadas e abertas e tem como objetivo avaliar os padrões de escolha das línguas, proficiências nas línguas e as atitudes linguísticas desses adolescentes (anexo I). O segundo questionário, n^o 2, inclui 10 questões fechadas que dizem respeito principalmente às atitudes linguísticas em relação às línguas faladas na comunidade (anexo II). Todas as questões permitiram mais de uma resposta, mesmo por algumas alternativas são bastante semelhantes ou complementares.

Ainda na seção da Discussão dos Resultados, conta com duas perspectivas – uma macro e outra micro. Na perspectiva macro, o inglês é a língua minoritária, falada, sobretudo, no interior da comunidade por um número restrito de pessoas que estão circundadas por uma comunidade maior em que se fala português, a língua oficial do país que se recebeu. Já que na perspectiva micro, isto é, no interior da comunidade, o inglês é língua dominante. Falada, inclusive, pelos brasileiros que lá vivem. Assim a diglossia nessas comunidades se coloca, no nível da organização macrossocial, de forma aparentemente harmoniosa e estável – o inglês é usado no interior e entre os membros da comunidade externa; a comunidade respeita e até mesmo admira as normas linguísticas e

socioculturais da comunidade menos. Esta, por sua vez, procura meios de se acomodar à sociedade dominante.

Todavia, isso implica uma relação de neutralidade, já que o conflito é parte integrante de toda e qualquer relação intelectual (HAMEL, 1988), mas uma relação na qual o conflito linguístico é minimizado em razão do prestígio que a língua inglesa tem na sociedade brasileira e da situação econômica privilegiada que gozam os membros dessa comunidade, essa é uma língua de prestígio mundial, o que atribui aos seus falantes um grande valor social.

As repostas dos participantes aos questionários, durante as entrevistas, mostram que a maior parte das interações na comunidade ocorre em inglês.

Na escola, entre os doze adolescentes pesquisados, oito responderam que usam apenas o inglês nas interações com os professores; apenas um usa o português e três usam ambas as línguas. Já nas interações com os diretores, cinco disseram que usam o inglês, dois o português e cinco ambas as línguas do interlocutor, sendo que o inglês é geralmente usado na interação com os diretores americanos e o português com os brasileiros.

Já a igreja constitui-se no único domínio em que as duas línguas são usadas proporcionalmente. Isso ocorre porque as celebrações religiosas são abertas à população da comunidade externa, sendo, por isso, acompanhadas de tradução. Segundo ao grau de proficiência nas línguas, todos os adolescentes declaram que falam, compreendem, leem e escrevem em inglês fluentemente, ao passo que em relação ao português, a maioria respondeu que fala e compreende relativamente bem, mas tem limitações quanto a leitura e a escrita.

A maioria considera que é importante saber falar, compreender, escrever e ler tanto em inglês quanto em português. E precisamos do português para a comunicação com os membros da comunidade externa. A análise dos resultados também revela uma atitude positiva por parte dos adolescentes em relação ao bilinguismo e às línguas faladas na comunidade. Oito entre os doze adolescentes consideram um privilégio o fato de serem bilíngues. Em relação a importância de saber falar as línguas, saber o inglês considerado muito mais importante do que saber português. Segundo Silva (2011) há portanto, dois tipos de orientação para aquisição e o uso das línguas na comunidade: uma motivação integrativa em relação ao uso e manutenção do inglês que pode ser explicada pelo desejo de preservar a identidade étnica norte-americano e uma motivação instrumental em relação ao português que é decorrente principalmente nas interações.

Essas orientações refletem a política linguística da comunidade que tem por objetivo primeiro preservar e transmitir herança linguística e cultural de seus ancestrais anglo-americanos.

Apesar de a comunidade já estar no Brasil há mais de 30 anos e de convívio com os falantes de português, o inglês ainda continua sendo usado em maior proporção no seu interior, inclusive pelas crianças e adolescentes. Isso que a primeira geração desses imigrantes está conseguindo manter a identidade etnolinguística de seu povo.

3.1.3 A escrita das línguas indígenas e sua implicação Escolar

De início para debate deparamos duas abordagens dessa questão: primeira ordem técnica de descrição porque a língua é observada como um sistema. Além disso, possibilitando a elaboração de uma cartilha para viabilizar a alfabetização e temos como segunda questão a ordem discursiva definindo que a língua indígena como caráter social através das práticas relatadas que é cartilha como insuficiente, como base das discussões das principais questões que envolve hoje o ensino das línguas na escola.

Ponto de vista algumas passagem das pessoas que não escrevem para alfabetização carrega consigo problema como ordem cultural, linguística pedagógica e confirmando como forma fundamental político.

Compreende que não é fácil a alfabetização indígena para buscar uma solução de questão complexa. Burocratizando escrita a escola se transformando Estado e além disso a escola é vista como um representante entre as comunidades indígenas.

Escrita considera-se como reforço de uma identidade indígena. E por outro lado os indígenas interessados na alfabetização é fato marcante histórico é um lago que não pode ser negado. Estão conscientes que a escrita é uma defesa aos direitos e com clareza para conhecer com a sociedade envolvente. Para a aprendizagem da leitura e da escrita deve se dar na língua que a criança fala e entende e alfabetização da mesma forma devem ser feita na língua indígena.

Para estas questões complexas o RECNEI afirma que pode auxiliar no processo de desaparecimento de língua ou pode favorecer a manutenção e revitalização.

Menciono que a língua indígena na oralidade bem trabalhada nas escolas, a tendência aplicação de suas competências escuta na língua indígena, com isso possibilitará um desenvolvimento novo em funções sociais e escritas nessas línguas.

Para escrita e alfabetização escrita posso declarar que é algo conflitante, entre duas línguas, porque um acelera por extensão da língua indígena, e ao mesmo tempo procura manutenção, revitalizar e o seu desenvolvimento para suceder a preservação do caminho e aplicação de uma gramática Terena. Para suceder, é necessária uma pessoa com uma organização pelos principais interessados, juntos com seguimentos e com apoio da comunidade em geral.

Língua indígena, função escrita não significa da necessidade das comunidades, mas está dentro do direito jurídico aos indígenas, porém ainda não entendida essa questão, transforma uma quantidade educacional e ainda reforça a importância da língua indígena na escola e ensino da escrita na língua materna.

3.1.4 Sociolinguística e Ensino: Contribuição para a Formação do Professor de Língua.

Segundo Goski (2006) no artigo publicado sobre a “diglossia” de Heye (2006), aborda que em 1967, quando ainda cursava a pós-graduação na Georgetown University, onde se matriculou na disciplina cujo nome “Diglossia” não tinha noção de que se tratava, sendo que era ministrada por Charles Ferguson. Segundo ainda Gorki, os pontos positivos é que era falante de Alemão e que tinha feito parte do seu curso de graduação em Zurique, na Suíça. Trabalhou como informante para este exemplo de diglossia a do alemão padrão como variedade A(ita) e do alemão Suíço (Schwyzerdutsch) como variedade B(aixa). Ferguson, como especialista em Árabe, forneceu os dados sobre a situação da diglossia desta língua. Relata sobre uma freira de origem francesa, que tinha passado algum tempo no Haiti, sendo o suficiente para fornecer dados sobre a língua crioula de lá enquanto variedade B. Uma experiência durante seis anos de experiência, estudando sobre o fenômeno linguístico.

Posteriormente, em 1973, trabalhou como professor de sociolinguística no Instituto Linguístico de Verão que se realizava em Florianópolis ao ser recém-chegado ao Brasil. Ainda sem domínio da língua portuguesa, falava mais italiano (a segunda língua).

Nos anos seguintes foram investidos outras comunidades de língua alemã em outras partes do Brasil. O que fez voltar ao estudo de diglossia foi a percepção de que nessas comunidades, existia uma forma de diglossia que não encaixava bem no modelo clássico de Ferguson, mas que aproximava mais o modelo de Fishman, (1980). Mas concretamente, encontra-se uma situação do tipo (+B/+D).

Para Heye, o bilinguismo societal se manifesta pelo uso alternado do português e do alemão. O uso do alemão padrão, enquanto variedade A(lta), uma variedade B(aixa) que se manifesta, de acordo com origem dos descendentes dos imigrantes alemães, ou como “Hunsruckisch” ou “Platt”. Esta última formada por um conjunto de dialeto do norte da Alemanha, com uma extensão que ia da fronteira da Holanda até o que hoje é a Polônia.

Este conjunto de dialetos se enquadra o que se rotula de “Niederdeustsh” ou “Platt”. A outra variedade B, o Hunsruckisch, no centro da Alemanha, até a Suíça e o norte da Itália, formando desta maneira, uma categoria por especificada e uniforme. Ao longo dos anos, com aumento do nível nas perspectivas comunistas e através da convivência diária com falantes de ambos os grupos de dialetos dentro das mesmas comunidades, surgiu uma variante intermediária, que foi rotulada de Brasildeutsch e que assume uma dupla função dentro do sistema diglossia. Por outro lado funciona com variedades A, sendo caracterizado com uma aproximação ao alemão padrão em comunidade pouco letradas; por outro lado funciona como variedade B naquelas comunidades com de escolaridade maior. Nestas comunidades ainda preervam uma variante de diglossia do tipo (+B/+D), sendo a variante A o Brasildeutsch e a variante B ou Hunsruckisch.

Nas comunidades do primeiro tipo, não manifesta a diglossia já que o alemão padrão considera como A e o Brasildeutsch como B. Temos duas manifestações de diglossia distintas que variam de acordo o tipo de comunidade. Dica patente também a instabilidade desta situação conforme mostrado por Fishman (1980), vale destacar a presença de uma variedade intermediária.

No entendimento de Ferguson (1959) a diglossia compreendem a noção de que esta situação linguística precisa ser separada tanto dos pequenos, mínimos detalhes da variação estilística essencial e sempre presente em nossas conversas diárias, quando do contraste em escala maior entre uma língua padrão e seus dialetos regionais (e sociais).

O critério acima tem duas dimensões. Primeiro, das duas variedades participantes de diglossia, a variedade é A(Ita) de função social restrita, não é a variedade nativa de ninguém. Esta variedade é apresentada tardiamente e através da educação formal, e não é usada em conversas informais, ao contrário da variedade baixa.

Sendo, contraste diglössicos, tratam de variedades altamente não paralelas, ao contrário de contrastes estilísticos que em escala menor. Além disso, diglossia se manifesta entre uma única língua, enquanto bi e multiletramento implicam sistemas linguísticos muito mais implícitos. A posição de Ferguson é não somente muito clara, mas também básica para a compreensão do conceito: diglossia é um fenômeno de monolinguismo cobrindo o terreno entre a variação estilística e o contraste entre línguas.

Para Fishman 1967 (revisado em 1972) a diglossia propõe afrouxamento da posição de Ferguson. A diglossia, agora deveria ser equacionada com totalidade do contínuo entre a variedade estilística ao multilinguismo, mas com uma ressalva: a distinção linguística, sejam elas sutis ou em grande escala, devem ser diferenciadas funcionalmente.

De fato, a expansão do conceito de diglossia para cobrir o alternativo de línguas, tem com base proposta mais fundamental: distinguir diglossia de bilinguismo. Só que o bilinguismo é considerado como o fenômeno psicológico: remete a habilidade do indivíduo de usar mais de uma variedade linguística. Diglossia, por outro lado é visto como algo social (Societal) que remete à distribuição funcional de um certo número de variedades comunicativas diferentes.

Parece que o paradigma de Fishman foi muito além de destacar o que existe de comum entre diglossia e outros fenômenos colocados no contínuo de variação entre uma escala maior (língua). Com ampliação do conceito de diglossia para incluir ao lado estilísticos do contínuo da variabilidade diglössicos, que além do contraste diglössico também exibem variação estilística nada a ver com a diglossia fergusoniana. A quarta e a última versão de diglossia a ser examinada é a de Fishman (1980). Estão mantidas as quatro classes do modelo de 1967, porém ele reconhece que “tanto bilinguismo quanto a diglossia são variáveis contínuas de graus mais do que fenômenos de tudo ou nada [...]. Porém, por motivos de clareza conceitual é mais simples tratá-los como variáveis dicotômicas (1980, p. 6). De fato, a descrição dos conteúdos das quatro classes permitem agora perceber a fluidez dos fenômenos relevantes na vida real.

As situações (+D/+B) e (+D/-B) são convergentes bem como as situações (+B/+D) e (+B/-D). Seria, portanto mais adequado considerar as quatro combinações possíveis de

(+/-D) e (+/-B) como pontos focais da organização sociolinguística e não como células estanques, cada uma contendo uma classe distinta de fenômeno de variabilidade.

Em relação ao primeiro, somente variedades linguísticas “significativamente divergentes” entrarão na relação A/B, “ de modo que, sem escolaridade, a posição escrita/formal vs oral/informal não pode ser entendida” (1980, p. 4), o que o vale igualmente para a versão clássica. Este critério elimina das considerações diglössicas muitas das situações monolíngues de dialetos vs língua-padrão. Exclui também casos de variação estilística (embora Fishman não explicita isso). O segundo critério, o societal, em paralelo ao linguístico, é muito enxuto se comparado à versão funcional de 1967.

Como resultado da aplicação dos critérios acima, a diglossia de Fishman se aproxima à diglossia de Ferguson; o primeiro continua sendo mais amplo já reconhece como situação diglössica aqueles em que participam línguas distintas e não somente variedades (altamente divergentes) de uma mesma língua. A diferença entre o dialeto e padrão e variação estilística fixam excluídas.

Percebemos que o modelo de 1980 de Fishman não é somente mais elegante que seu precursor de 1967 – portanto mais próximo ao conceito original de Ferguson – este modelo mostra uma consistência interna maior se comparando ao modelo de Fasold (1984). Apesar disso, o modelo de 1980 continua com os problemas básicos do modelo anterior.

A diglossia de Fishman classifica o conjunto (a) situação bilinguismo societal em que uma língua estrangeira serve para as funções A de uma nação, resultado de colonialismo, imigração ou formação de estados multinacionais, e uma variedade local serve para as funções; e (b) sociedades monolíngues cujo alto grau de compartimentalização societal levou a uma diversificação formal e funcional significativa da mesma língua em duas variedades, uma servida para a função A, a outra para função B.

Por outro lado, o processo sociolinguístico de longo prazo, que dentro de uma mesma língua e cultura, leva a uma polarização formal e funcional que corresponde à diglossia de Ferguson, é algo bem diferente. Pode ser, também, que esta reforma de diglossia se torne do nosso mundo moderno que constantemente subverte a compartimentalização societal em favor da globalização e da eficiência.

Ainda, a diglossia de Fasold (1984) por sua vez relata, procura conciliar a diglossia de Fishman, ora rotulada de diglossia larga, com o conceito de Ferguson, ora chamada de diglossia clássica. Fasold assume uma posição com variante e intermediária na extensão de relação encontradas na diglossia larga. Quando as variedades A(ita) e B(aixa) são bastante

distintas uma da outra, encontramos bilinguismo A e B são mais próximas, fala-se de mudanças de estilo '(style shifting, 1984, p. 42).

Ao falar de bilinguismo superposto, Fasold tem em mente o conceito tradicional e não aquele psicológico proposto por Fishman, embora ache, quatro tipos de comunidades examinadas acima. Somente aquela caracterizada por diglossia com graus variados de bilinguismo, i, e. A única reconhecida por Ferguson tenha alguma base na realidade.

Segundo as posições de Fasold e de Fishman, Kloss (1976) introduz os conceitos de Binnendiglossie (diglossia interna) e Aussendiglossie (diglossia externa); sendo a primeira mais próxima ao conceito clássico de Ferguson (duas variedades funcionalmente distintas de uma mesma língua), e a segunda mais na linha de Fishman, admitindo a distinção funcional de duas línguas.

Para concluir o texto, o autor relata que não existe nenhum motivo pelo qual deveríamos chamar de "diglossia" a vasta de aspectos variáveis à disposição de falantes em todas as comunidades linguísticas normais. Deveríamos, isto sim preservar a diglossia de Ferguson como uma noção de grande utilidade para dar conta de um tipo específico de variação entre uma variedade A e uma variedade B que é socialmente considerada como uma mesma língua. A primeira nunca é usada em comunicações ordinárias e informais, embora uma certa porcentagem de forma de A possam ser usadas, dependendo do domínio do sistema diglósico por parte do falantes, e o que se reconhecem socialmente como diglossia não é diretamente relacionado à maneira como falante utilizam os contrastes relevantes nas negociações de suas identidades e na preservação de sua língua – mas passa por um desenvolvimento constante do tempo e do espaço social e geográfico.

Em pleno século XXI, percebeu-se que somente os idosos ainda preservam o uso da sua língua materna dentro do território indígena Terena, comprova nas pesquisas realizadas por vários especialistas, linguistas, antropólogos e com a participação dos professores indígenas da etnia Terena. Percebeu-se que a grande maioria dos jovens não utiliza a língua como o meio de comunicação entre eles, o que revela a perda da identidade do povo, pois mesmo falando em português, eles precisam manter a língua Terena.

As variações linguísticas estão presentes na língua Terena, devido aos aspectos geográficos, quanto mais distante uma da outra há mais chance de variação na língua Terena. O mesmo que ocorre em língua portuguesa, e muitos deixam a língua materna em segundo plano para manter a comunicação devido ao contato linguístico. As variedades, em todo território nacional, fazem parte da cultura nacional. Por isso se deve investigar,

conhecer, valorizar e preservar as varias línguas faladas no Brasil. As línguas não são uniformes; há um espaço para série de variação que pode acontecer com a identidade de cada falante de sua língua.

Assim com todas as demais, as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas a plena expressão individual e social no meio físico em que tradicionalmente tem vivido esses povo. Da mesma forma que permite quaisquer crianças ou adultos, com maior ou menor esforço, aprender línguas diferentes da sua, o que também ocorre com os povos indígenas do Brasil em uma relação com português e sua língua materna.

De acordo com Rodrigues (2002, p. 18), a partir de princípios e propriedades comuns, as línguas estão sujeitas a número de fatores de instabilidade e variação, que determinam nelas forte dependência a constantes alterações. Essa tendência é normalmente contrabalançada pela necessidade de mútuo ajuste dos indivíduos de uma mesma comunidade social, sem o qual não se cumpria a finalidade básica da língua, que é a comunicação explícita e, quando possível fácil.

Conforme Rodrigues quando reduz contato entre as pessoas separadas entre as novas comunidade, diminui a necessidade de ajuste e aumenta a variação entre os grupos, é o que acontece nas comunidades, como o autor nos esclarece, por isso vai construindo novas falas que se tornarão diferentes cada vez mais no do correr do tempo.

3.1.5 Isolamento e Mudança

Conforme Labov (1994, p. 129), as pessoas que não residem nas mesmas cidades e não são expostas ao mesmo meio de comunicação de massa pode ser desigualmente afetada pela mudança linguística, de tal modo que, com o passar do tempo, a linguagem que usam se torna cada vez mais diferenciada.

Desta forma, os Terena que vivem nas cidades, tais como: Aquidauana, Miranda, Anastácio, Sidrolândia, Dois irmão do Bruriti e Campo Grande, já não falam, mais antes falado nas aldeias ou seja esqueceram a língua materna em função do português. Esse fato deve ao contato externo, pois quanto maior o contato maiores serão as mudanças e a diversidade linguística dessa comunidade, conforme foi citado acima.

Neste contexto o contato cada vez maior com a língua Terena, para Labov, a linguagem reflete o local de origem, de moradia e de trabalho. A esse propósito, se viajarmos para outro Estado, notaremos que em certas regiões há diferenças linguísticas. Vejamos um exemplo de variação em português, de alimento ou comida, dependendo da situação, das intenções dos falantes é.

Acreditamos que os exemplos abaixo ocorrem no Terena seja uma situação semelhante ao português.

3. 1.6 Contextualização

Ao longo dos anos, os povos Terena vem sofrendo pressão da língua dominante e também está passando por um processo brutal de mudanças; pois, os indígenas entendem que a língua portuguesa é uma língua de prestígio e que o Terena está sofrendo mudanças, porque é próprio da língua evoluir.

A língua Terena, com o passar do tempo, vem sofrendo essas variações por ser uma língua minoritária; e cada vez mais é sufocada pela língua majoritária que é o português, e a tendência disso é a extinção da língua indígena e principalmente o Terena. Este também é o caso de muitas outras línguas existentes no Brasil.

Este fato vem ocorrendo desde a colonização do Brasil pelos portugueses. Portanto as nações indígenas foram forçadas a falar o português, para satisfazer o desejo de conquista pelo europeu aqui chegado. De maneira geral, o europeu desvalorizava a cultura indígena, suas crenças e seu valores e mais que isso, ensinavam aos indígenas também desvalorizar sua cultura, crença e valores e principalmente a língua. Aquelas nações que resistiam eram massacradas e dizimadas e muito conseguiram manter viva a sua língua.

Assim, nas últimas décadas, uma quantidade significativa de línguas estão sendo extinta ou ficando próximas da extinção. A expectativa para os próximos anos, nas previsões dos linguistas, há 90% das aproximadas 6.000 línguas ainda existentes deixarão de existir (GARCIA, 2007). Entre as línguas que poderão ser extintas esta o Terena, falado em Mato Grosso do Sul.

As mudanças vem gerando o cessar de transmissão e o uso de uma língua para as futuras gerações, estão sendo muito rápidas e têm levado em curto período à extinção de

um grande número de línguas indígenas, principalmente. Deste modo, o especialista têm chamado a atenção para este fenômeno, desde meados da década de 1990 (*Idem, Ibidem*), mobilizando a atenção de sociolinguistas do mundo inteiro. Um significativo número de pesquisadores tem investigado as causas da rápida extinção de língua avaliando as possibilidades deste fato.

3.1.7 A Política de Língua entre os Terena

A interação dos Terena com a sociedade brasileira iniciou-se a partir do século XVIII. Conforme Oliveira (1976), nessa época, juntamente com outros povos do grupo Guaná, os Terena teriam atravessar o rio Paraguai, em massa; estabelecendo-se entre os rios Miranda e Aquidauana. Vários acontecimentos históricos interferiram, de forma decisiva, na relação dos Terena com a sociedade brasileira. No entanto, a Guerra do Paraguai dói certamente um desses acontecimentos, já que, nessa ocasião, os Terena junto com outras populações indígenas, foram aliciadas pelas autoridades brasileiras para reforçar a defesa das fronteiras do Brasil. Não se sabe ao certo, mas se acredita que, naquela ocasião, os Terena passaram ter a forte influência da língua Portuguesa sobre a língua Terena. Fato esse que aparece na língua com palavras, tais como: [âramena] – arame usado para cercar; [arâmusako] – almoçar; [aramusu] – almoço (hora do almoço); [axúka] – açúcar. Não sabemos se antes disso havia outras palavras em Terena para expressar situações como essas, mas o que podemos observar é a influência e o apagamento dessa língua em função do português. Outrossim, em que os indígenas passam a utilizar palavras do português como se fossem palavras do Terena. Juntamente como fato linguístico está inserida a identidade desse povo, que expressa através da língua a identidade branca.

De acordo com a pesquisa de (NINCAO, 2008), entre os professores Terena, com a reorganização do povo Terena em reserva, no início do século XX, a escola tornou-se uma das principais reivindicações se, feitas através do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), junto ao governo brasileiro. E mais uma vez aparecem palavras da língua portuguesa, mascaradas de língua Terena, tais como: [Iskolana] – escola; [iskova] – escova, surgiu a partir dos contatos com a sociedade regional e nacional. Essa demanda também abriu

portas para entrada do protestantismo com diferentes projetos de escolarização (CARVALHO, 1995).

EM 1931, o SPI também iniciou suas atividades na aldeia Bananal instalando uma escola, a “Escola General Rondon”, cuja língua de instrução era o português. A partir de então o português torna-se, cada vez mais, língua de prestígio entre os Terena.

Com a escola criada pelo SPI na aldeia Bananal, iniciou-se o processo público de escolarização com uma particularidade: o ensino era conduzido em português por professores não indígenas. Esse fato mostra que a escola entre os Terena, como também entre outras etnias no Brasil, nasceu em um contexto muito diferente do atual contexto nacional. Aprender português era necessidade vital para o povo e a escola proporcionou isso. Esse processo histórico contribuiu para o contexto de diglossia entre o povo Terena. A língua Terena vem sofrendo variação e principalmente empréstimo linguístico. Falantes de comunidades indígenas Terena, se expressam diferente da outra, mesmo sendo uma comunidade perto da outra, enquanto outras deixam de ser usadas no nosso cotidiano, há um desafio de manter viva essa língua que é símbolo da nossa identidade. Podemos observar alguns exemplos abaixo do antes e depois da língua Terena.

Exemplos de empréstimos linguísticos: Português e Terena – Palavras coletadas em Lagoinha

+ ou - nos anos 1990	No século XXI	Palavras substituídas pela língua portuguesa	Palavras em Terena que foram abandonadas pelos indígenas
Xe’o Koêti “Em pé”	Xe’okoti “Em pé”	Hokómori “Lixo”	Âti “Irmã ou irmão mais velho”

Levé koêti “Está andando”	Levékoti “Está andando”	Kopútoe tapî’i “Ovo”	Têno “Respeito que se tem para com a moça.”
Nâti “Capitão”, “líder”	Cacique	Ihikaxoti “Professor”	Lêle “Irmão mais velho ou pode ser um manifesto de respeito para um homem.”
		Ihikaxovoti “Estudante”	Úte “Irmã”
			Hovenoe’no “Velha”

		Ihikaxovokuti “Escola”	Nâti “Líder de comunidade”
		Yutoxopeti “caneta”	

E também continuando com outros exemplos de Empréstimos linguísticos: Terena *versus* Português em pleno século XXI. Palavras que estão em uso como se fosse do Terena:

Segundo Jordão (2013), sobre empréstimo linguístico

1º exemplo é no alfabeto Terena: **a – mb - k – nd – e - ng – h – i – nj – l – m – n – o – p - q – r – s – t – u – v – x – y –nz.**

Continuando segundo Jordão, algumas palavras dias “portuguesadas” que aparecem na alfabetização utilizando o alfabeto Terena:

Terena:	Português	Terena	Português	Terena	Português
A – Ârame	(arame)	NG – Ngátu	(gato)	M- mótu	(moto)
B – Mbôla	(bola)	H - Hô’eti	(Cinto)	N – Naranga	(laranja)
K – Kâmo	(cavalo)	I – Índiu	(índio)	O – Ôho	(Rato)
ND – Ndêdu	(dedo)	NJ – Njanela	(janela)	P – Poroti	(Calça)
E – Étuku	(trem)	L – Lôru	(Loro)	R- Repenóti	(camisa)

S – Soporó (milho)

T – Tikóti (árvore)

U – Úko (Chuva)

V – Váka (vaca)

X – Xapâu (mamão)

NZ – Nzá'a (pai)

Segundo Jordão (2013), confirma que há presença da língua portuguesa nos dias da semana:

Kaxena Sêmana (dias da semana) Números

Lúmingu - Domingo	1 – Póhuti / 9 - nove
Iké Lumingu - Segunda-feira	2 – Pi'âti / 10 - Yéhi
Pi'âti - Terça-Feira	3 – Mopo'âti / 12 - ndûse
Mopo'âti - Quarta- Feira	4 – Kuáturu / 7 – Sétí
Singu - Sexta - Feira	5 - singu / 8 Óitu
	6 – sei

Segundo Jordão (2013), e assim sucessivamente ...

Nas Horas:

1 Hora – Póhuti ôra 5 Horas – Singu ôra 9 Horas – nove ôra

2 Horas – Pi'âti ôra 6 Horas – Sêi ôra 10 Horas - yéhi ôra

3 Horas – Mopo'âti ôra 7 Horas – Sétí ôra 12 Horas – Ndûze ôra

4 Horas – Kuáturu ôra 8 Horas – Oítu ôra

Exemplo de Frases segundo Jordão (2013):

Únze ora ina keno'óko **trinta** kueti minútu

São onze horas e trinta minutos.

Séti ôra Singu koeti **minútu** iyúngovo.

Acordei as seta horas e cinco minutos.

As vogais

A, E, I, O e U. As vogais E e O em português representam tanto as vogais abertas como também fechadas. Em Terena cada uma destas letras representam um fonema só. Mas as vezes há um pouco de variação entre falantes em certas palavras, alguns fazendo essas mais fechadas ou mais abertas do que outros. Conforme o quadro acima, a língua Terena vem sofrendo variação e principalmente empréstimo do português, mas que apresenta o mesmo significado. Diante dessa pesquisa, percebeu-se que ocorre mais facilmente a inserção das palavras para a língua portuguesa, o que chamamos de empréstimo, assim como ocorre na língua portuguesa.

“um indivíduo pode usar um desvio e fazê-lo por várias vezes, sem exercer com isso qualquer influência na língua. O início da mudança linguística só acontece quando outros falantes adotam o novo traço e o empregam convencionalmente para transmitir formas significadas. Embora a inovação possa começar em virtude da influência de uma pessoa importante, não é atos de inovar que muda a língua, mas influir. Por conseguinte, a mudança e sua primeira difusão ocorre ao mesmo tempo.” (Labov, 1972, p. 125).

Dessa forma o falante aparece com a modificação no sistema, pois o indivíduo vai alterando o seu modo de falar com o passar do tempo, a língua e a variação são inseparáveis.

Neste caso, as alterações linguísticas que ocorrem em cada comunidade não serão mais reajustadas em comum e, por não coincidirem em muitos casos, vão constituir diferenças entre suas falas. Esse se tornaram diferentes e cada vez mais diferentes, na

medida em que ocorrer do tempo expuser uma a outra, independentemente, as circunstâncias mais variadas, assim no caso desses falantes vai adotando essa nova fala.

Ao afirmar que as variedades das classes dominadas tende a se desestruturar, quando em contato com a variedade da classe dominante, gerando inúmeros sentimentos de culpabilidade ou de inferioridade linguística, que levam muitos falantes a se envergonharem de seus próprios dialetos. (Labov, 1972, p.65).

Conforme exposto pelo autor, isso percebe-se entre as comunidades falantes, ocorre mais facilmente a substituição das palavras para a língua portuguesa, por se tratar de classe dominante, os próprios falantes envergonham-se de não falar a língua dominante, assim acabam desvalorizando o seu idioma, as gerações novas vão adotando a língua portuguesa, assim tem mais tendência de variação na língua.

Sobre a variação na língua Calvet (2002, p. 102) afirma:

Temos, pois, variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e as diferenças que eles representam tem uma função outra, estilística ou social. (CALVET, 2002, p. 102)

E essa forma de dizer distinta pode vir não apresentada por uma semântica distinta, mas também por uma pronúncia diferente. Essas variantes podem dar-se devido ao gênero, a idade ou cultura específica. Por exemplo, uma etnia indígena que é agricultura provavelmente terá muitas variantes para as frutas, os legumes e para os instrumentos utilizados na plantação, já que esse mesmo grupo resolver sobreviver da pesca ele não terá tantas variantes, pois até então não era do costume dele essa atividade. A respeito do direito dos indígenas falarem seus próprios idiomas Leite e Callou (2002) afirma: “A constituição de 1988 assegurou às populações indígenas o direito de manter sua diversidade linguística e cultural, num reconhecimento oficial de ser país multilíngue”. Nesse sentido, entende-se que estudar as línguas indígenas é algo de importância para preservá-las e manter assim também a cultura dos povos indígenas e também a brasileira. Por isso a sociolinguística subárea da linguística “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala. Voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (Mollica, 2010, p. 9).

As variantes linguísticas constituem distintas variáveis, ou seja, elas estabelecem maneiras diferentes, de acordo com Mollica (2010, p.10):

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno (...). (MOLLICA, 2010, p.10):

Dessa forma para Mollica uma variedade pode ser da concordância entre o sujeito verbo, ou aquilo que apresenta de várias formas influenciado por determinados grupos de fatores, entre eles as questões sociais. Por isso, acredita-se relevante estudar os variantes linguísticos presentes na língua Terena em relação a distintas comunidades.

3.1.8 A Variação e Preconceito Linguístico

Necessitamos aceitar as variações e estudar o que as provoca para entendermos o processo evolutivo linguístico e não somente damos a importância à norma culta. O preconceito linguístico se manifesta por diferentes grupos, se há no meio dos falantes, foi por meio da evolução que chegamos o falar como se apresenta hoje. Segundo Camacho (1988) existem múltiplos fatores originando alguns exemplos, como: dialetos que são variáveis que são falados por comunidades geograficamente definidas, isto é, variante regional ou social de uma língua. Idioletos é uma variação particular, certas gramáticas de profissões. Etnoletos variação para um grupo étnico. Cumpre ressaltar que é inegável modos de falar de uma comunidade de falantes, desta forma também constam diferente dentro de uma mesma área geográfica.

Esses fatores linguísticos nos levam a concluir também que a variação é um processo sujeito ao livre de cada, que se expressam, assim, do jeito que bem entender; muito pelo contrário, a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivo pelas próprias regras do sistema linguístico. (CAMACHO, 1984, p. 35).

Portanto, na sequência desse raciocínio, conforme a explicação acima, percebemos mais uma característica dos processos de variação. Camacho demonstra que a variação é um fenômeno regular, tem que seguir uma estrutura, ordem, não pode cada um criar uma variação. Porém, ele deixa bem claro que a variação linguística é o conjunto de sistema linguístico, pois sem as variações não existiria um sistema linguístico. Para o linguista os variantes não podem ter aparecido por acaso, diante dessa visão ele nos trás que linguisticamente não há pessoas que fala a mesma língua.

3.1.9 A Variação do Mesmo Grupo Étnico em Locais Diferentes

A variação geográfica ou diatópica da língua é marcada pelas diferenças que ocorrem da língua de uma região para a outra. Neste trabalho está sendo analisada a variação do Terena entre as aldeias Miranda.

Uma língua não permanece a mesma em toda a extensão do território onde é falada. Um dos traços mais importantes da identidade característica de uma pessoa é, sem dúvida, a sua origem geográfica, assim faremos uma breve análise de “como também” ocorre os falantes da língua terena. Como veremos nos exemplos abaixo:

Aldeia Lagoinha x Aldeia Lagoinha

Palavra	Variante	Significado
Itatako	Katátakoa	“Quebrar em muitos pedaços”
Ítikovo	Itipu íkexovo	“Coagular o sangue, secar”
Itávoko	Kátavokoa	“Desviar-se do caminho”
Itíve	Áitive	“Doce”

Ítipakovo	Kotipakovo	“Estar apertado, pressionado”
Ítunaevoti	Itunóevoti	“Enfeites, colares, ornamentos”
Apê	Apeti	“Vai ter, vai acontecer”

Para os linguistas as variantes não podem ter aparecido por acaso, diante dessa visão existem pessoas que falam a mesma língua, todavia pertencem a mesma etnia, mas falam variantes dessa língua, assim acontece na língua indígena também isso acontece.

Aldeia de Miranda	Aldeia de Taunay
pahúkovo (ser pego em enrascada)	àipaheo (ser pego em enrascada)
àkakena (pedra para polir cerâmica)	âkake (lesma que vive na água)
ahinoêti (empregado)	ahínoe (empregado)

aharípu`ikoti (roer bocaiúva)	àharipu´oko (roer coisa redonda)
--------------------------------------	---

Convém, por fim, ressaltar que a ciência que estuda as relações entre os fenômenos linguísticos e sociais entende que, é indispensável que as duas ou mais variantes tenham o mesmo significado, por isso esclarecemos os dados acima.

Segundo quadro a mudança é um processo tão natural das línguas vivas que, se não existir, a língua morrerá. Fica bem claro que sempre haverá variação enquanto permanecer viva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo sobre a Aldeia Lagoinha e suas atitudes linguísticas frente ao bilinguismo entre as línguas Terena e português numa perspectiva sociolinguística, obteve-se como resultados um grande descaso com esta língua motivada pela interferência de fatores como apagamento, e extinção da língua Terena, e também a preferência dos Terena e o que está causando a perda da língua.

Como resposta a tais acontecimentos, propõe-se que sejam desenvolvidas ações que promovam tanto o aprendizado da língua Terena quanto a cultura e tradições desse povo, principalmente entre os mais jovens e crianças, mantendo vivas as novas gerações as raízes e origens de sua herança.

Assim veremos o desenvolvimento do povo ao preservar a língua.

Sugere-se também que seja estabelecida pelo povo, atitude de preservação e cuidado ao repassar para os seus filhos e netos. Pois, as primeiras atitudes devem partir das lideranças promovendo as heranças culturais e linguísticas dos Terena perante a sociedade civil sul mato-grossense.

Este trabalho não pretende se encerrar aqui, mas de servir de contribuição para novas pesquisas da língua Terena. Como ponto de partida para as atitudes voltadas às contribuições para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ARANTES, T. T., REIS, L. O. Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Lic., Mestrado - Letras- UEMS/ Campo Grande, V.4, nº 10, jul. 2013. Disponível em < <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/15/31072013035012.pdf>> Acesso em 10 de agosto de 2013.

BITTENCOURT, C. M. LADEIRA, M. E. *A história do povo Terena*. Brasília : MEC, 2000.

CALVET, L. J. *Sociolinguística uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto G. *Norma culta e variedades linguísticas*. São José de Rio Preto: Unesp, 1994.

DORIAN, Nancy C. Western language ideologies and small-language prospects. I: GRENOBLE, Leonore A.; WHALEY Lindsay J. (eds) *Endangered Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GARCIA, Mariana de Souza. *Uma análise tipológica sociolinguística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

GOMES, N.S. *A SIL e os estudos das línguas indígenas brasileiras*. Instituto Antropos, 2009. Disponível em: <http://instituto.antropos.com.br/v3/index.php?option=com_content&view=article&id=489&catid=35&Itemid=3> acesso 22 de junho de 2013.

GROSJEAN, François. *Lige with two languages; na introduction to bilingualism*. Harvard: Harvard University Press, 1982.

JORDAO, I.L.P; ANTONIO, J. "KOUHÉPUNETI: *língua e cultura terena*": empréstimos linguísticos na língua Terena – coleta de dados – educação básica. Revista Philologus, ano 19, nº 57 – supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2013

MOLLICA, M. C e BRAGA, L. M. *Introdução à Sociolinguística. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MONTEIRO, J.L. *Para Compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MONTEIRO, José L. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NINCAO, O. S. "*Kohó Yoko Hovôvo/ O Tuiuí e o sapo*": *identidade bilinguagem política linguística na formação continuada de professores Terena*. / Campinas, SP: Instituto de Estudo da Linguagem. Tese de Doutorado, 2008.

NINCAO. O. S. *A formação de escritores indígenas e a questão da variação linguística na Língua Terena*. Revista Língua & Literatura.v. 14. n. 23. p. 77-96, Dez. 2012. Disponível em; <
<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/401/1245>>.

Acesso em: 21 de agosto de 2013.

OLIVEIRA, Roberto C. O. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos terena*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

REIS, Marilena Q. B. *Projeto Terena: A conquista de um povo*. Campo Grande, MS: M.D.B.do Reis, 2005.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Ed. Loyola, SP-2002.

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: < <http://www.laliunb.com.br> >.
Acesso em: 10 de agosto de 2013.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas indígenas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 2002.

ROSA, A. M. *Aspectos morfológicos do Terena (Aruak)*. Disponível em:<
<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/401/1245>>.

Acesso em: 21 de agosto de 2013.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: 6ª edição, editora ática, 1999.

VARGAS, V. *Os Índios Terena e a Guerra contra o Paraguai (1864-1870)*. Disponível em < <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/VVargas.pdf> >. Acesso em: 20 de agosto de 2013.

ANEXOS

ANEXO 01

UNIVERSIDADE L DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE - MS

Nome: _____

Idade: _____

Etnia: _____

Sexo: M() F()

1 – Aplicação do questionário de atitudes linguísticas na aldeia Lagoinha.**Qual língua você fala no dia a dia?**

() Terena. () Português. Por quê? _____

Qual língua você acha que é mais fácil para uma pessoa aprender e falar?

() Terena. () Português. Por quê? _____

Qual língua que você mais gosta de falar?

() Terena. () Português. Por quê? _____

Ass: _____

Local: _____ Data: ___/___/___

ANEXO 02

Aplicação do questionário de atitudes linguísticas na Aldeia Lagoinha.

Cada informante justifica sobre tal resposta sobre a sua preferência entre a língua Terena e Português. São perguntas simples que trazem dados muito importante com valores dentro da comunidade, principalmente em manter a cultura e a língua materna.

- **Qual língua você fala no dia a dia?**

Terena. Porquê?

Umas das respostas que ouvimos deles é:

“Porque eu gosto de falar a minha língua.”

“Tenho Orgulho de ser falante da minha língua.”

“É a minha língua Materna.”

“Porque foi ensinado desde criança. ”

“Eu Falo porque toda a minha família fala”

“ É valor da minha cultura.”

“ Pois que desde criança os meus pais me ensinaram a falar o terena

Português. Porquê?

“Porque não sei falar muito a língua Terena (materna).”

“porque compreende melhor às coisas lá de Fora.”

“porque fui ensinado assim, falando em português.

“ Porque é difícil falar terena, maioria das pessoas que eu converso fala somente em português.”

“Aprendi falar primeiro o português.”

“E mais fácil para se comunicar”

“ E a língua que meus pais falam desde crianças.”

“Porque meus pais não me ensinaram a falar”

“Eu não sei falar em terena.”

“Porque eu não sei falar em terena.”

• **Qual língua você acha mais fácil para uma pessoa aprender e falar?**

Terena. Porquê?

“Para compreender ou interpretar principalmente em português.”

“Terena é mais fácil.”

“É a língua que a gente fala”

“Domino as duas línguas.”

“Porque as palavras da língua terena não tem vários significados como o do português.”

“Para os que nossos filhos cresçam que deem o valor que temos a nossa tribo terena, principalmente a língua rica que temos.”

Português. Por quê?

“Português, é mais fácil porque não é nossa língua.”

“A língua Portuguesa está presente no dia a dia.”

“ Por causa da escola.”

“ Pois é a língua ensinada em nossas escolas e há décadas, ficando mais fácil sua assimilação.”

“ Porque as pessoas que falam Terena hoje em dia, não gosta de ensinar.”

“ O terena é difícil, e o português é mais fácil.”

“Porque nem todos aqui da aldeia não querem mais falar o terena.”

“Escolho português, porque é um pouco difícil falar em terena.”

“porque a pessoa tem mais facilidade de aprender.”

“Porque é mais fácil de aprender.”

“Facilita mais futuramente.”

“ a pessoa aprende mais rápido.”

• **Qual língua que você mais gosta de falar?**

Terena. Porquê?

“Minha identidade.”

“Somos Falantes.”

“Pois é a minha língua materna.”

“cresci falando”

“É a língua que domino.”

“Desde criança meus pais, avós ensinaram a não perder e não deixar de falar a nossa língua.”

Português. Por quê?

“Fui ensinado a falar o português desde criança.”

“ porque desde criança não tive ensinamento na língua terena, nem por isso deixo de “gostar dela. Português é a língua que eu mais falo.”

“ para ensinar as crianças.”

“Particularmente, apesar de não falar fielmente a língua terena, tenho conhecimentos “de seus significados, principalmente por ser o registro do nosso povo.”

“ Porque não sei falar e, terena.”

“Porque eu acho mais fácil.”

“porque é legal.”

“Não sei falar direito a minha língua.”

“porque é a única que sei falar, mas procuro aprender a mais a língua terena.”

“porque se eu soubesse falar em terena, eu ia falar muito.”